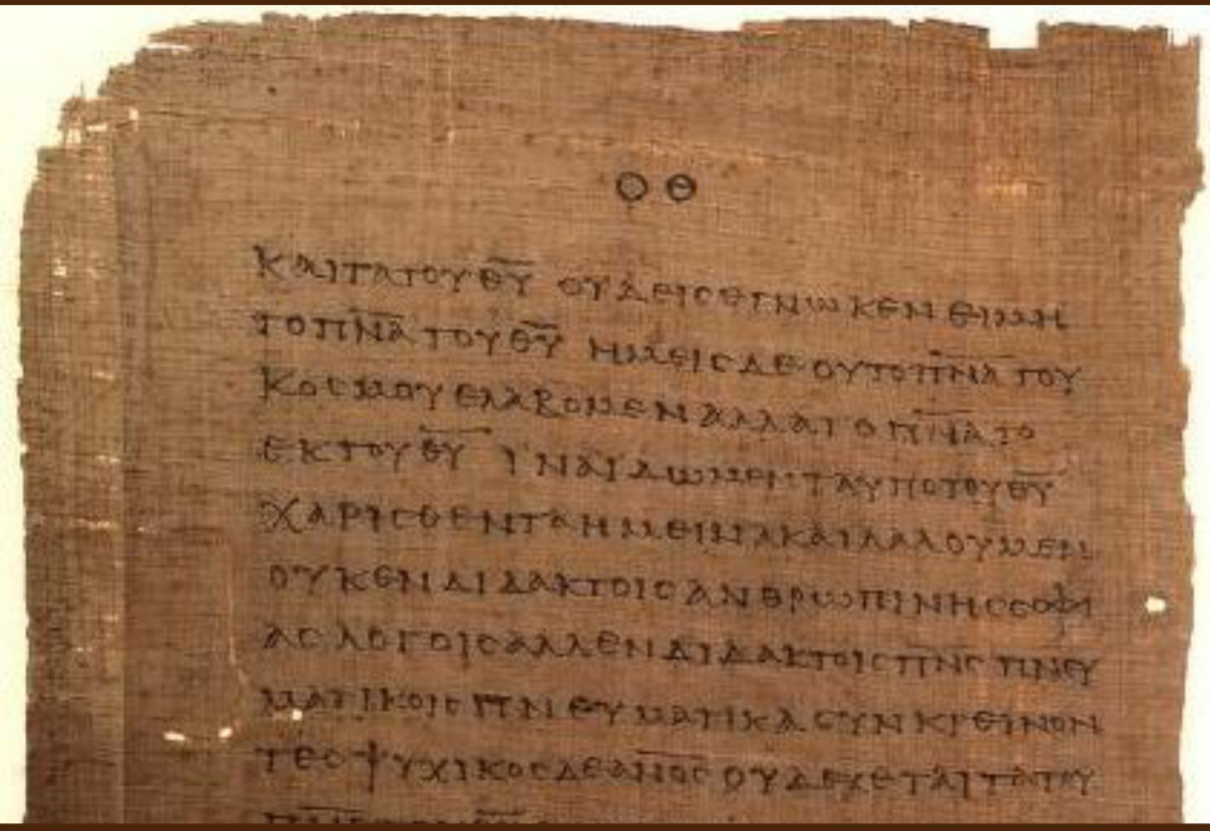
José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO
DOUTRINA CATÓLICA

LIVRO DA CARTA AOS CORÍNTIOS · I e II



MENSAGEIRO CATÓLICO

José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO
DOUTRINA CATÓLICA

LIVRO DA CARTA AOS CORÍNTIOS · I e II

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

1ª EDIÇÃO

DIAGRAMAÇÃO
Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

IMAGENS
pixabay.com.br
pt.wikipedia.org

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS.....6
A comunidade cristã de Corinto 6
A Primeira Carta aos Coríntios 7
Ocasião 7
Os partidos em Corinto.....8
Data das cartas.....9
Autenticidade e integridade da carta 9
O estilo da carta..... 10
Análise da carta 10
PARTE I: focalização do assunto (1,10-4,21) 12
PARTE II: resposta aos quesitos postos (7,1-11,1)..... 13
PARTE III: instruções concernentes às reuniões da comunidade..... 13
PARTE IV: instrução sobre a ressurreição dos mortos (15)..... 14
Final (16)..... 14
Perspectivas doutrinais 15
Ética e liberdade cristãs 15
A sabedoria..... 15
As tradições..... 16
O banquete do Senhor..... 16
O Corpo de Cristo..... 16
A instrução sobre a ressurreição 17

Conclusão 17
ESTUDO DA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS 19
INTRODUÇÃO À SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS 56
Síntese 57
Remetente e destinatário 57
Saudação 58
Estrutura 58
Consolo e salvação vêm de Deus (1,3-11) 58
Missão e disciplina da Igreja (1,12-2,13) 58
O ministério apostólico (2,14-6,10) 59
Reconciliação com os coríntios (6,11-7,16) 60
Ajustamento de contas com os adversários em Corinto (10-11) 60
Comunicações e exortações finais (12,14-13,10) 61
Fecho da carta (13,11-13) 61
Saudações e votos 61
ESTUDO DA SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS 62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 88

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

Corinto fica na Grécia, região chamada Acaia. No ano de 27 a.C., César Augusto, imperador romano, fez de Corinto a capital da província romana da Acaia. Foi naquela cidade portuária, célebre por suas imoralidades, que Paulo fundou uma forte comunidade cristã na sua segunda viagem. Lá encontrou o casal Átila e Priscila, que muito o ajudou. Paulo ficou um ano e seis meses na Grécia, e de lá escreveu para os coríntios. A primeira carta contém sérias repreensões à comunidade sobre seus conflitos: as divisões e a imoralidade. Em seguida, responde a questões propostas sobre o matrimônio, a virgindade, as carnes imoladas aos ídolos, as assembleias de oração, a ceia eucarística, os carismas, a ressurreição dos mortos etc. É uma das cartas mais amplas de Paulo em termos de doutrina e disciplina na Igreja.

A comunidade cristã de Corinto

A cidade de Corinto, reconstruída por Júlio César em 44, era um centro político e comercial dos mais importantes. Sua população cosmopolita de 200 mil homens livres e 400 mil escravos fazia dela a primeira cidade da Grécia. Roma tinha lá estabelecido a capital da província senatorial da Acaia. Mas sua reputação de corrupção moral era tão bem conhecida que "corintizar" era se entregar à devassidão.

Paulo lá chegou provavelmente no inverno de 50/51 (At 18,1-18).

Demorou-se um ano e meio (At 18,18), fundando uma comunidade cujos fiéis eram recrutados principalmente - mas não unicamente (1Cor 1,16; 11,17-34) - nas camadas inferiores da população (1,26-29). Malgrado a hostilidade dos judeus, o êxito do apóstolo foi grande. Depois de sua partida, sabemos que Apolo, judeu alexandrino convertido, muito eloquente e versado nas Escrituras, dirigiu-se também a Corinto, onde foi de "muito proveito para os que haviam crido" (At 18,27s; 1Cor 1,12; 3,5ss); nós o encontramos em Éfeso no momento em que Paulo escreve 1Cor. A comunidade era fervorosa e rica em carismas, cujo exercício acarretava dificuldades (1Cor 12 e 14). A adaptação aos costumes cristãos desses antigos pagãos recém-convertidos deixava subsistir deficiências muito sérias.

A Primeira Carta aos Coríntios

Ocasião

Estamos em Éfeso. No decorrer de sua viagem missionária (1Cor 16,8-19; cf. At 19), Paulo já tivera ocasião de escrever a Corinto uma carta atualmente perdida (1Cor 5,9). Muitos fatos o levam a prosseguir essa correspondência. Em primeiro lugar, é um relato feito "pelos que são da casa de Cloé"" (1,11): há facções na comunidade (1,12ss), uma parte dos irmãos duvida do amor sincero do apóstolo fundador (cf. 9,1-3 e mais tarde 2Cor 1,12-7,16); falta solidariedade entre os irmãos e se dirigem a tribunais pagãos para regularizar suas contendas (6,1ss); notam-se escândalos nos costumes (5,1;6,12ss). Em segundo lugar, os próprios coríntios escreveram a Paulo (7,1); a carta foi levada provavelmente por uma delegação composta por Estéfanas, Fortunato e Acaico (16,17), que puderam dar informações de viva voz. A carta apresentava questões a

Paulo a respeito de problemas difíceis; o valor respectivo da virgindade e do celibato (7), o uso das carnes imoladas aos ídolos (8-10: cf. 8,1), o exercício dos carismas (12-14: cf. 12,1). Foi sem dúvida pelo relato oral dos mensageiros que Paulo teve suas informações sobre diversas dúvidas a respeito das dificuldades suscitadas pela fé na ressurreição dos mortos (15).

Esse conjunto de fatos mostra que os irmãos de Corinto não tinham ainda adquirido um profundo senso cristão. É o que os faria compreender, segundo a sabedoria de Cristo, como lhes era mister se revestirem de santidade diante de Deus (contra as desordens morais de toda sorte), unirem-se em Cristo (contra as facções), tudo julgarem à luz de Cristo (contra a falsa sabedoria deste mundo). O sentimento do que é de Cristo os ajudaria a viver na caridade que condiciona o uso da liberdade, o duplo plano do pensamento e da moral. O Evangelho acabava de encontrar o modo suave: em lugar de rejeitar tudo o que era grego, saberia discernir os elementos válidos do helenismo, suscetíveis de entrar em uma síntese harmoniosa, preludiando aquilo a que chamamos de humanismo cristão.

Os partidos em Corinto

A questão dos partidos, sobre a qual Paulo não dá senão indicações sumárias, é uma das que os críticos mais têm discutido: quem são as gentes de Paulo, de Apolo, de Cefas, de Cristo (1,12)? Ao lado dos cristãos fiéis ao apóstolo, acreditou-se descobrir uma facção mais intelectual - a que prefere Apolo como mestre de pensamento, e uma facção sem dúvida judaizante - a que recorre a Cefas; quanto ao partido de Cristo, seria um grupo de iluminados que pretendem não depender de nenhuma autoridade apostólica (o que, segundo o que Paulo nos revela da psicologia dos coríntios, nos parece verossímil); interpretaram também as palavras eyw

ÓE Xpiorou (eu, porém, de Cristo) como um humorismo de Paulo, ou mesmo uma adição de amanuense.

O essencial é constatar principalmente que as divisões da comunidade têm por primeira significação uma forte oposição a Paulo. Não se trata de heresias e de cismas propriamente falando: todos os irmãos comparecem às mesmas reuniões litúrgicas e participam da mesma Ceia. Trata-se de tendências diversas, que recorrem como chefe a Paulo, Pedro e Apolo; exatamente como na sua vida cultural, os gregos se filiam a seus filósofos preferidos. Será sempre difícil precisar as características das diversas facções.

Data das cartas

Paulo escreve a carta numa data em que se propõe deixar quanto antes Éfeso. Sem dúvida, devia ser pouco tempo depois da Páscoa (5,7-8), e Paulo pensa em ficar em Éfeso até Pentecostes (16,8). Ora, segundo At 20,1, ele deve ter deixado precipitadamente Éfeso, mais cedo do que pensava.

Autenticidade e integridade da carta

A autenticidade de 1Cor não é discutida. A crítica externa a apoia abundantemente. Mencionada em 1Clemente 47 (fim do século I), a carta é citada por Inácio de Antioquia, por Policarpo, pelo Pastor de Hermas (Mand., 4,4), no Diálogo com Trifão de Justino, 35 (pelo ano 165) e na Ressurreição dos mortos do apologista Atenágoras (pelo ano 177). Depois de Irineu, que a cita profusamente, ela é logo recebida em todas as Igrejas. A crítica interna confirma plenamente estas perspectivas: veracidade dos costumes em Corinto e da personalidade do apóstolo, que aparece em cada questão tratada, nos confrontos de vocabulários

com a de Gálatas e Romanos; são cartas sensivelmente contemporâneas.

A integridade e a unidade da carta são igualmente isentas de dúvida.

O estilo da carta

O estilo de 1Coríntios é menos solene que o de Romanos, mais direto e mais pessoal. Reflete o amor apaixonado de Paulo por Cristo e por aqueles a quem chama "seus filhos" (4,14). Repetiu-se, com razão, que as passagens em que Paulo zomba mais da filosofia e da retórica gregas são também as mais profundas e eloquentes (notadamente 1,10-4,21). Elas não são o produto de um hábil retórico, mas de um homem de bem que quer ganhar seus correspondentes para seu mestre, Cristo. A língua é de um judeu culto da Diáspora, familiarizado com o texto da LXX. A densidade doutrinal da carta e a documentação histórica que ela traz sobre uma comunidade da Igreja primitiva fazem dela uma das mais preciosas do corpus paulino.

Análise da carta

É a situação concreta da comunidade de Corinto que faz a unidade da carta; a variedade do tom se explica pela variedade das questões tratadas, pelos momentos sucessivos da composição e provavelmente pelas novas recebidas no curso da redação.

A ordem do material é comandada primeiramente pelo relato das gentes de Cloé (1,11), depois pela carta recebida dos coríntios (7,1); as informações dadas pelos portadores da carta poderiam dominar os capítulos 11-15. Tem- se, portanto, este plano geral:

1,1-9 Introdução

1,10-6,20 Focalização do assunto de conformidade com os relatos das gentes de Cloé

1,10-4,21 A sabedoria cristã e os partidos
5 O incestuoso de Corinto
6,1-11 O apelo de cristãos aos tribunais pagãos
6,12-20 Uma palavra sobre a fornicação
7,1-11,1 Respostas às questões propostas pelos coríntios
7,1-16 O casamento
7,17-24 A condição cristã
7,25-40 Virgindade e celibato
8,1-11,1 A questão das carnes oferecidas aos ídolos
11,2-14,40 Instruções concernentes às reuniões da comunidade
11,2-16 O véu das mulheres
11,17-34 A celebração da Ceia
12-14 Os carismas
15 Instrução sobre a ressurreição dos mortos
16 Final: disposições práticas e saudações

Introdução: destinação e ação de graças (1,1-9)

Na alocução inicial (1-3), Paulo se apoia intencionalmente sobre seu título de apóstolo e sobre a santificação dos coríntios e de todos os que constituem a Igreja de Deus. A ação de graças (4-9) anuncia o tema central da carta: os coríntios são ricos de carismas; mas estes sãos dons do Senhor e se deve contar com a fidelidade de Deus para obter a salvação no dia de Cristo Jesus. De fato, é esquecendo o papel de Deus e de Cristo que os coríntios, nos seus sofrimentos humanos, procuram sua sabedoria, cada um seguindo seus gostos (1,10-4,21), cuidando exageradamente de seus interesses (6,1-11), faltando caridade no uso de sua liberdade cristã (8-10), cedendo ao egoísmo até na celebração da Ceia (11, 17-34). Em suma, eles continuam pagãos na mentalidade.

PARTE I: focalização do assunto (1,10-4,21)

A sabedoria cristã e os partidos em Corinto (1,10-4,21)

A exortação à unidade (10) corresponde ao fato das facções rivais (11-12); o Cristo, em nome de todos os cristãos que são batizados, é por acaso dividido (13-16)?

A sabedoria divina e a loucura da cruz (1,17-2,5). Há divisões por motivo da sabedoria humana.

A sabedoria cristã (2,6-16). Existe realmente uma sabedoria cristã, revelada pelo Espírito; ela não é acessível senão aos homens "espirituais" (2,6-16).

Aplicação à comunidade de Corinto (3,1-23). Ora, os neófitos de Corinto são ainda "carnais", como o mostram suas querelas atuais (3,1-4).

Conclusões práticas (3,18-4,21). Os apóstolos são os "administradores dos mistérios de Deus" (4,1-5). A verdadeira sabedoria cristã é orientada para o mistério da cruz.

O incestuoso de Corinto (5)

O caso do incesto que foi referido ao apóstolo deveria levar os irmãos a mais humildade. Paulo prescreve que se expulse o perverso da comunidade santa (9-13).

O apelo aos tribunais pagãos (6,1-11)

É necessário igualmente que os irmãos, chamados a julgar os anjos no último dia, se abstenham de levar seus litígios diante dos tribunais pagãos (6,1-8). Essa indicação é seguida de um catálogo de pecados que excluem do Reino de Deus (6,9-10).

A fornicação (6,12-20)

O corpo, que é membro de Cristo, não é feito para a fornicação, mas para a ressurreição. Ele é o templo do Espírito Santo,

resgatado por grande preço e deve servir à glória de Deus.

PARTE II: resposta aos quesitos postos (7,1-11,1)

O casamento (7,1-16)

O celibato é excelente, mas é um dom excepcional: por causa do perigo da fornicação, é melhor se casar.

A condição cristã (7,17-23)

Com respeito à condição cristã, o estado de circunciso ou de incircunciso, de escravo ou de homem livre, é sem importância.

Virgindade e celibato (7,25-40)

Aqui, Paulo ainda não tem ordem do Senhor: dá um conselho.

A manducação dos idolotitas (8,1-11,1)

Princípio geral (8)

Paulo apresenta um princípio geral e fala como se comportar para não escandalizar os irmãos de consciência escrupulosa.

Conclusões práticas (10,23-11,1). É preciso tudo fazer para a glória de Deus sem causar escândalo a ninguém, imitando a Paulo como ele, por sua vez, imita a Cristo.

PARTE III: instruções concernentes às reuniões da comunidade

O véu das mulheres (11,2-16)

A celebração da Ceia (11,17-34)

Mesmo na celebração da Ceia, os coríntios mostram suas divisões e seu desprezo pelos pobres. Paulo lhes recorda a "tradição" que lhes transmitiu (comparar 11,23-25 com Mt 26,26-29, Mc 14,22-25, Lc 22,15-20 e também Justino, 1 a Ap., 66). Aquele que celebra indignamente a Ceia pronuncia sua própria condenação; em Corinto, os doentes e os lutos recentes já são o sinal da punição divina.

Os carismas (12-14)

Todos os carismas contam com uma fonte única: as três pessoas divinas, e são dados para a utilidade da comunidade.

Preeminência da caridade (12,31-13,13). Se se deve aspirar aos dons melhores, a caridade os ultrapassa ainda a todos.

Conclusões práticas (14). Depois desse cântico à caridade, Paulo pode concluir: procurar a caridade e desejar os carismas, mas a profecia em preferência à glossolalia.

PARTE IV: instrução sobre a ressurreição dos mortos (15)

O fato fundamental: a ressurreição de Jesus (1-11). Paulo recorda uma tradição essencial da fé cristã: o fato da ressurreição de Jesus.

A ressurreição de Cristo implica a nossa (12-34). Há tal laço entre a ressurreição de Cristo e a nossa que recusar uma é negar a outra e, por consequência, reduz a nada a fé e a esperança cristãs.

O modo de nossa ressurreição (35-58). A ressurreição implica, contudo, uma transformação profunda do corpo, sugerida com o auxílio de comparações naturais (35-44). Haverá passagem do "corpo animal" saído do primeiro Adão para o "corpo espiritual", recriado à imagem de Cristo, "Adão celeste" (44-49). Paulo, que não separa as preocupações pastorais da exposição do mistério, conclui com uma fé inabalável em Cristo (54-58).

Final (16)

Paulo recomenda a coleta em favor dos "santos" de Jerusalém (1-4). Põe- nos ao corrente de seus projetos de viagem (5-9). Seguem por fim as saudações (19-20) e uma palavra de mão própria acrescentada por Paulo (21-24).

Perspectivas doutrinais

A análise de 1Coríntios mostrou como, por ocasião de situações concretas e de problemas práticos, Paulo esclarece aspectos essenciais de seu pensamento e da vida cristã. Para neoconvertidos, ainda influenciados pelos costumes pagãos e pela sabedoria carnal, ele recorda como um cristão deve viver o dom de Deus que recebeu no batismo, na docilidade ao Espírito, a caridade para com os irmãos, a submissão à autoridade dos apóstolos, a fidelidade às tradições das Igrejas. De lições como estas emergem certos temas maiores.

Ética e liberdade cristãs

Em oposição à ética grega assim como ao legalismo judeu, Paulo afirma a um tempo a liberdade do cristão e sua submissão às exigências rigorosas de uma nova ética. Como ponto de partida dessa dupla afirmação, há a seguinte certeza: Cristo morto e ressuscitado, tornado para nós "justiça, santificação, redenção" (1,30), justifica e santifica seus fiéis pelo banho do batismo (6,11), fazendo deles os membros de seu Corpo (6,15) e o templo de seu Espírito (3,16; 6,19), conferindo-lhes um ser novo que os obriga à santidade.

A nova ética, que visa pôr o homem a serviço de Cristo, tem por primeira exigência a prática da caridade (13), única que "edifica" os irmãos em Cristo (8,1.10-12).

O fim supremo dessa ética de liberdade e de serviço é a glória de Deus (6,20; 8,6; 3,21-23).

A sabedoria

A esta sabedoria do mundo, Paulo opõe uma arte cristã de viver que aceita o plano de Deus e acolhe os irmãos com amor e paciência por

causa de Cristo (1,19-4,21; 9;13).

A exposição sobre a sabedoria divina preside a todos os desenvolvimentos da carta e os ilumina.

As tradições

Para reconduzir os coríntios a uma sã inteligência da vida cristã, Paulo deve de início recordar o valor da autoridade apostólica: os apóstolos são os servos de Cristo e os dispensadores dos mistérios de Deus (4,1-5).

Libertados por Cristo de todas as servidões, os fiéis já não são outra coisa do que servos de Cristo.

Paulo se apega, portanto, à tradição da Igreja primitiva de um modo mais profundo, e também muito mais explícito, do que certos críticos o diriam. É em função do que recebeu que organiza as comunidades. Essas tradições remontam aos apóstolos, à Igreja de Jerusalém e, finalmente, ao próprio Cristo.

O banquete do Senhor

Paulo acentua, enfim, a significação central da Eucaristia, colocada entre a Cruz que ele evoca e a parusia que ela anuncia. Essa situação confirma o realismo eucarístico que se evidencia nas palavras de Paulo. No memorial de sua morte - que foi o sinal de seu amor por nós - Cristo se dá a todos os fiéis para os envolver no mesmo movimento de amor; este pão único faz deles um Corpo único.

O Corpo de Cristo

O tema do "Corpo de Cristo", empregado para exprimir a união dos fiéis com Cristo e entre si, encontra-se em 6,15.17; 10,17; 12,12-13. A ideia de koinonia (comunhão) lhe é intimamente ligada. Em 10,14-22, a

unidade dos cristãos é explicitamente ligada à celebração da eucaristia e 11,17-34 faz dessa unidade entre os irmãos uma das regras da celebração. É a partir daí que o tema do "Corpo de Cristo" se torna, em Paulo, fórmula de unidade.

Ela quer dizer que os cristãos têm uma identidade mística com Cristo pessoal, e pelo fato de serem eles assim identificados a seu Corpo é que podem ser "um" entre si.

A instrução sobre a ressurreição

Toda a nossa vida de salvos está na dependência da ressurreição de Cristo. Daí seu método de demonstração, arrazoar sobre a união dos cristãos em Cristo realizada no batismo: eles se beneficiam de sua morte redentora por lhe serem unidos na sua ressurreição, e essa vida nova implica a ressurreição de seus corpos quando da parusia (15,20-28).

Na parusia receberemos uma vida corporal inteiramente diversa da que conhecemos aqui no mundo: ao "corpo animal" substituirá um "corpo espiritual" (15,44), criado à imagem do novo Adão, do Adão Celeste.

Conclusão

Na instrução que termina 1Coríntios, Paulo acentuou, portanto, uma última vez, que a salvação cristã não é uma conquista "espiritualista", fruto de uma sabedoria religiosa ou de uma iniciação ritual, como poderiam sonhar os gregos. Cristo somente é ao mesmo tempo nossa sabedoria, nossa justiça, nossa santidade e nossa redenção (1,30); ele é igualmente nossa ressurreição.

Batizados e justificados em seu nome (6,11), seremos ressuscitados por Deus com ele e como ele (6,14). Sua ressurreição é a causa da nossa (15,20, 22). Tal será o quadro final da história da salvação: no fim dos

tempos, quando todo poder hostil tiver reconhecido a soberania de Jesus, se entregarão todas as coisas a seu Pai, o qual será tudo em todos (15,28). Diante dessa doutrina, não há mais lugar para nenhuma ufania humana, para nenhuma sabedoria deste mundo, mas unicamente para a confiança na vitória de Cristo e para a glorificação de Deus.

ESTUDO DA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

(1Cor 9) Saudação e ação de graças. A introdução à carta consta, como de costume, de saudação e ação de graças. O primeiro aspecto que chama a atenção nesta breve introdução é a menção do nome de Jesus Cristo, nove vezes em nove versículos. É, pois, esta referência constante a Jesus o que qualifica aquele que escreve a carta, os destinatários e seu conteúdo. Paulo necessita, já de início, apresentar suas credenciais como "apóstolo de Jesus Cristo por chamado e vontade de Deus" (v.1). Sua autoridade havia sido questionada entre os coríntios e o apóstolo terá de afirmar sua reputação.

O apóstolo se dirige depois aos destinatários como "à igreja de Deus que está em Corinto" (v.2). A intenção é clara: os coríntios não estão sozinhos, são membros da grande assembleia convocada por Deus à qual pertencem todos os homens e mulheres de qualquer raça ou nação que tenham sido "santificados em Jesus Cristo, chamados à santidade" (v.2) e que, portanto, invocam o nome de Jesus onde quer que estejam.

É interessante ressaltar o conceito altíssimo que Paulo tem dos cristãos. Naturalmente, o apóstolo não os canoniza, como depois se verá, quando puser o dedo na chaga e denunciar os problemas concretos daquela comunidade de Corinto. Paulo se refere à ação salvadora de Deus por meio de Jesus que se derramou gratuitamente sobre aqueles homens e mulheres como também sobre nós, elevando-os à dignidade de filhos e

filhas de Deus. Esse dom gratuito de Deus, todavia, não é estático, mas dinâmico. Paulo, com "chamados à santidade" (v.2), demonstra qual é a vocação dos coríntios. Diríamos que se trata da "missão" de todo cristão e de toda cristã, recebida no batismo, de transformar o mundo em que vivemos fazendo-o mais justo e equitativo, menos pobre e menos corrupto, mais ecológico e pacífico. Isto é, a missão de construir, já agora, o Reino de Deus. Ser filhos e filhas de Deus é o mesmo que ser missionários e missionárias de seu reino. Para realizar essa tarefa não estamos de mãos vazias. Deus nos presenteia com dons, aptidões e carismas. Paulo reconhece essa realidade na comunidade de Corinto. Congratula-se por isso e a anima a continuar fiéis dando testemunho e confiando na fidelidade de Deus que completará o que foi começado.

Entre os dons que a comunidade recebeu, Paulo menciona a eloquência e a sabedoria, qualidades muito estimadas no mundo grego; ao valorizá-las positivamente, o apóstolo ganha a benevolência de seus leitores. Esses carismas têm uma função no presente, mas estão orientados à manifestação última de Jesus Cristo, quando chegar "seu dia". Ao escrever a carta, Paulo estava convencido de que a segunda e definitiva vinda do Senhor era iminente.

Discórdias em Corinto (1Cor 17). Depois dessa introdução densa e programática, Paulo vai ao cerne da questão, isto é, ao problema fundamental da comunidade de Corinto: as divisões e as rivalidades, pecados constantes da Igreja de Deus de todos os tempos. A exortação à unidade é solene e enérgica, feita em nome de Jesus e apelando a seus títulos de Cristo e Senhor. Paulo não entra agora em detalhes sobre as divisões e as rivalidades, mas pelo teor de toda a carta, a alusão é clara: a discriminação e as diferenças entre cristãos ricos - alguns - e pobres - a maioria; escravos e livres; mulheres e homens; eruditos - alguns - e

sem formação escolar - a maioria; carismáticos e conservadores; judeus e gregos; pecadores públicos e pessoas honestas.

De tudo isso havia naquela comunidade cristã tão complexa, conflituosa, cosmopolita e pluralista de Corinto, reflexo quase exato de muitas de nossas comunidades de hoje. É possível que cada grupo se identificasse com um personagem da Igreja como Paulo, Cefas ou Apolo, sem que esses personagens fossem na realidade os líderes dos diversos grupos. Diante de situação tão complexa, o apóstolo lança, nesse momento, um poderoso chamado de atenção à consciência de todos em benefício da concórdia, que termina com perguntas tão incisivas como estas: "Então estaria Cristo dividido? É Paulo quem foi crucificado por vós?" (v.13). Cristo e a Igreja identificam-se de tal maneira (cf. 12,27) que as divisões na Igreja são tão absurdas como se Cristo estivesse dividido.

A mensagem da cruz (1Cor 31). Entramos na seção mais importante da carta na qual Paulo, que antes nos disse que sua missão principal é evangelizar, vai nos comunicar em que consiste seu Evangelho, a mensagem que anuncia como embaixador de Cristo.

Por intermédio de uma série de contrastes audazes e contundentes, Paulo nos aproxima do mistério de Cristo crucificado: é um "escândalo", diz, para os judeus que esperam um Cristo triunfante. É uma "loucura", acrescenta, para os gregos que buscam e se apoiam na razão e na sabedoria. O mistério da cruz só pode ser expresso diante dos olhos da sabedoria e razão humanas como "loucura e fragilidade de Deus", e precisamente por isso, é "força de Deus e sabedoria de Deus" (v.24) para os crentes. Paulo certamente não é um fanático anti-intelectual que despreza a razão, a ciência ou o progresso. Ao que o apóstolo se opõe decididamente é a todo projeto humano de qualquer índole que seja - até mesmo religiosa - que, deixando de lado Deus que se revela na cruz de Jesus, termina sempre

por construir uma sociedade baseada na injustiça, na discriminação, na opressão e na violência.

Esse paradoxo, a força da fragilidade de Deus, prolonga-se e se manifesta na comunidade de Corinto, composta de gente socialmente sem importância (cf. Tg 2,5; Mt 11,25). Não são muitos os intelectuais, os ricos, os poderosos, a nobreza. Como em outros tempos alguns escravos no Egito (cf. Dt 7,7s; Is 49,7), assim agora escolhe gente sem formação, sem influências e sem títulos. É interessante ressaltar a insistência de Paulo em colocar em realce nesses versículos (vv.26-29), por um lado, a iniciativa da escolha de Deus, repetindo quatro vezes o termo "escolher" ou "chamar", e por outra a condição social dos destinatários de sua escolha: os loucos do mundo, os fracos, os plebeus, os desprezados, os que nada são. Esses serão, continuava afirmando Paulo, os que humilharão - diz isso duas vezes - os sábios e poderosos e anularão os que acreditam que são alguma coisa.

Essa iniciativa de salvação de Deus, absolutamente surpreendente, se torna realidade em Jesus que comunica aos seus, os fracos deste mundo, a sabedoria, a justiça, a consagração e o resgate. Essas expressões, densas de teologia paulina, poderiam resumir-se em uma palavra: "libertação", iniciada já aqui e agora. Definitivamente, Paulo não faz senão apresentar aos coríntios - e a nós - o projeto que Jesus anunciou na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4,14-21). Paulo escreve com a paixão e a lúcida percepção de quem compreendeu a essência do Evangelho, isto é, a "memória" de Jesus, que o apóstolo quer deixar clara para a Igreja de Corinto e para todos os que lemos hoje sua carta.

Sabedoria superior (1Cor 2,1-9). Paulo tem uma ideia quase obsessiva: a escolha gratuita dos coríntios por parte de Deus. Volta, pois, à carga, insistindo em como se apresentou diante deles sem prestígio nem sabedoria

humana convincente e persuasiva, e sim fraco e tremendo de medo. Seu saber e suas credenciais eram somente Jesus, e este Jesus, crucificado. Paulo, portanto, não foi o transmissor de nenhum conhecimento humano superior. Sua força persuasiva procede do Espírito e é o Espírito o que deu aos coríntios a sabedoria misteriosa de Deus. Para aproximar-se desse mistério, o apóstolo recorre a Is 64,3: "Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou..." completando as palavras do profeta com este final seu: "tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (v.9). Existe melhor maneira de descrever a experiência de Deus que continua fascinando os homens e mulheres de hoje, ao encontro dos quais saiu o Espírito do Crucificado?

Revelada pelo Espírito (1Cor 2,10-16). Paulo continua aprofundando o tema com uma comparação. Quer dizer o seguinte: ninguém conhece em profundidade a outra pessoa se ela não revela sua própria intimidade. A intimidade secreta de uma pessoa é conhecida unicamente pela própria pessoa (cf. Pr 14,10; 20,27) e só esta pode comunicá-la. Para que se realize essa comunicação deve existir sintonia entre a pessoa que abre as portas de sua intimidade e a pessoa que é convidada a entrar neste mistério humano oferecido. De modo semelhante, diz Paulo, só o Espírito conhece a intimidade de Deus e a ele cumpre revelá- lo e fazê-lo compreender.

Cabe a Paulo, como intermediário, comunicar oportunamente a outros o que ele recebeu por revelação. Por outro lado, os coríntios têm de sintonizar com o Espírito para que a comunicação se realize. Essa sintonia, para o apóstolo, é possuir "o pensamento do Senhor" (v.16). Sem essa sintonia e horizonte cristão, tudo o que provier do Espírito aparecerá como uma incompreensível loucura. Não é loucura toda a vida de Jesus, sua opção pelos pobres e marginalizados, o perdão oferecido

a seus inimigos, sua própria morte na cruz? Não foram tachados de loucos, utópicos e idealistas todos os homens e mulheres que tentaram e tentam seguir Jesus até suas mais radicais consequências? Paulo insiste várias vezes no protagonismo do Espírito de Cristo como revelador do mistério de Deus.

Imaturidade dos coríntios (1Cor 3,1-23). Depois de deixar estabelecidos os grandes princípios cristãos sobre os quais se deve construir toda a comunidade de crentes, Paulo ataca os problemas concretos de seus queridos coríntios, motivo pelo qual lhes dirigiu esta carta a partir de Éfeso, onde lhe haviam chegado más notícias deles. Deixando os outros assuntos para depois, o apóstolo começa pelo problema principal: as invejas e as discórdias que mantinham dividida em grupinhos aquela comunidade (v.4).

Em primeiro lugar, o apóstolo procura compreendê-los e de certa maneira desculpá-los. Diz que no princípio só pôde falar-lhes sobre a vida cristã como se fala a crianças e, portanto, dar-lhes só leite e não o alimento sólido porque não teriam podido digerir. Essa imaturidade, não obstante, não estaria porventura durando demasiado? Em continuação, Paulo se entrega ao desmantelamento dos grupos baseados no culto à personalidade: "Pois, que é Apolo? E que é Paulo?" (v.5). Para isso emprega duas belíssimas imagens sobre a comunidade cristã, símbolo de toda a comunidade humana, tiradas da tradição bíblica. A primeira: "Vós [sois] o campo de Deus, o edifício de Deus" (v.9). Os ministros e os servidores da fé não são donos da comunidade. Eles plantam, regam, constroem, edificam, isto é, "somos operários com Deus" (v.9), mas só Deus faz crescer, e "quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo" (v.11), cf. Ef 2,20-22. A segunda: "Não sabeis que sois o templo de Deus, e que o Espírito de

Deus habita em vós?" (16). No santuário de Jerusalém residia a glória de Deus. Era uma instituição venerada e respeitada (cf. Jr 7 e 26; Mt 21,12-16). O novo santuário de Deus não é um recinto, informa Paulo. Não é feito de pedra e sim de vida, e são todos os homens e mulheres deste mundo, sem distinção de religião, etnia ou nação. Esse santuário é sagrado. Nele Deus habita. Ninguém disse algo tão sublime sobre a dignidade da pessoa humana. E ninguém foi tão radical e contundente no condenar todos aqueles ou aquelas que destruam, abusem, discriminem, menosprezem ou se esqueçam desse santuário de Deus: "Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o templo de Deus é sagrado - e isto sois vós" (v.17).

Estas palavras revolucionárias de Paulo precisam continuar inquietando e questionando nossas comunidades cristãs de hoje em dia. O lugar "privilegiado" para prestar culto a Deus já não são as igrejas, os santuários, os centros de peregrinações ou o lugar favorito das devoções de cada um, e sim "as pessoas", especialmente aquelas que são os santuários profanados de Deus: os pobres, os marginalizados, os famintos, os emigrantes, as crianças abandonadas e esse longo etcétera da miséria humana. Se não descobrirmos e não prestarmos culto a Deus que habita neles, não o encontraremos nas igrejas ou nos santuários, pois os teremos enchido de ídolos e deuses falsos. Este é o horizonte espiritual, "a mentalidade de Cristo" que abre Paulo tanto para os coríntios como para nós todos e para nós todas. Tudo o que se desvia desse horizonte cristão é "sabedoria deste mundo", "loucura para Deus".

Os olhos iluminados de Paulo oferecem-nos um grandioso final: "Tudo é vosso! Mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus" (vv.22s). O apóstolo remata esta parte da carta voltando ao tema do princípio: não pertencem a Paulo, nem a Apolo, nem a Cefas, afirma. Ao contrário, eles

pertencem a vós como ministros e colaboradores de Deus a serviço da comunidade. Ou, o que é a mesma coisa, não são os cristãos que estão a serviço da instituição ou da hierarquia na Igreja por mais elevada que esta seja ou de qualquer movimento eclesial do momento, mas exatamente ao contrário. Não podemos alienar nossa liberdade de pensar e de atuar nem nossa consciência a uma obediência servil aos nossos líderes, nem estes podem impor-nos o silêncio, sempre que nos movamos dentro da tradição apostólica.

Todavia, atenção!, acrescenta Paulo, nem mesmo vós sois o centro. Isto é, a comunidade cristã não é uma democracia independente, livre e soberana, dona de seu próprio destino. O centro da comunidade é Cristo, da mesma maneira que Cristo fez do Reino de Deus o centro de sua vida e sua missão.

Ministros de Cristo (1Cor 4,1-21). Paulo passa agora para o terreno pessoal. Responde às críticas dos coríntios com toda a riqueza de seu caráter forte e apaixonado. Eis aqui um Paulo duro e por vezes afetivo, irônico e mordaz, ferido mas sem rancor e, sobretudo, sincero. Era considerado pela pequena elite sofisticada dos coríntios como um judeu-cristão muito abaixo do prestígio intelectual de Apolo? Existiam outros rumores ou críticas? O apóstolo se defende, é claro. Conhece a mediocridade e a falta de perspicácia de seus adversários, todavia aceita que se riam dele.

Começa dizendo que o importante é que povo o considere a ele e a seus companheiros como "simples operários de Cristo e administradores dos mistérios de Deus" (v.1), e que o principal para um administrador é que seja fiel (v.2). Nem mais nem menos. Acrescenta, em continuação, que lhe importam muito pouco as críticas e que nem ele julga a si mesmo. O julgamento ele o deixa para Deus. Por outro lado, nada lhe censura a

consciência, embora esteja disposto a admitir suas falhas.

Lança-se depois a uma longa e apaixonante confissão do que significou e significa ser servidores de Deus e fiéis à missão confiada: ser exibidos como os últimos, como condenados à morte, como espetáculo cômico, como loucos; padecer fome e sede; ir seminus; ser desprezados; vagar de maneira aventureira; receber pancadas; fadigas; trabalho físico; calúnias; insultos; perseguições. O final é comovente: "Chegamos a ser como que o lixo do mundo, a escória de todos até agora..." (v.13). A tudo isso, os missionários do Evangelho respondem com a atitude de Cristo: "abençoamos (...) suportamos (...) consolamos" (v.12).

O contraponto dessa ladainha de sofrimentos coloca-o a atitude autossuficiente dos coríntios à qual Paulo se refere com mordacidade e ironia: acreditam ser prudentes, fortes, estimados. Já antes lhes havia censurado seu complexo de superioridade, estar saciados de vanglória como se fosse seu o que gratuitamente receberam de Deus, como se já estivessem reinando e não caminhando ainda sob o sinal da cruz de Cristo.

No final reaparece Paulo afetuoso, o pai que admoesta seus filhos queridos aos quais gerou para Cristo. Promete-lhes uma visita e dessa vez se apresentará a eles, não tremendo e cheio de medo como na primeira vez, mas sim com o exemplo de sua vida que procede da força do Evangelho.

O incestuoso (1Cor 5,1-13). Em clara oposição à conduta autossuficiente dos coríntios, Paulo denunciará um caso de incesto, uma vergonha que precipita a fermentação do mal em toda a comunidade como o fermento na massa. O apóstolo propõe uma reunião da comunidade em nome do Senhor Jesus para decidir o que fazer com o incestuoso. Mesmo ausente corporalmente, o apóstolo declara já seu voto: que "seja esse homem entregue a Satanás" (v.5).

A expressão pode nos parecer excessivamente dura. Provavelmente se trata de uma maneira de falar sobre excomunhão. De qualquer forma, o castigo é medicinal e caritativo: para que "seja salvo no dia do Senhor Jesus" (v.5). Outro caso de excomunhão encontra-se na correspondência de Paulo com a mesma comunidade de Corinto (cf. 2Cor 2,5-11). O castigo surte efeito e o próprio Paulo recomenda que o irmão seja readmitido na comunidade.

O apóstolo aproveita o caso para lhes recordar o que já lhes havia escrito em uma carta anterior que não se conservou, na qual dá as normas de comportamento e de tratamento com os gentios. O contexto sociocultural de Corinto, uma das cidades mais corrompidas do Império Romano, propunha àqueles cristãos um sério problema de convivência com os de fora da comunidade. Paulo faz uma distinção. Com os imorais, exploradores, avarentos e idólatras "não cristãos", diz que se comportem com convivência normal. O cristianismo não é uma seita. Não obstante, com os corrompidos, exploradores e avarentos "de dentro" - Paulo quer dizer que só são cristãos de nome -, o apóstolo é taxativo e contundente: "Com tais indivíduos nem sequer deveis comer" (v.11). Medida extrema de proteção para uma comunidade que vivia continuamente exposta à decadência e corrupção ambiental?

Mesmo que expresso de maneira negativa, Paulo está se referindo ao sentido de identidade que deve ter uma comunidade de crentes, aos laços de união, de correção fraterna, de mútua solidariedade e de radicalidade no seguimento de Jesus que, ao mesmo tempo que protege seus membros, capacita-os para oferecer aos de fora seu testemunho cristão.

O cristão ou cristã sem um sentido forte de pertença à comunidade é quase impossível que se mantenha como tal no tipo de sociedade em que vivemos. Eis o que vem dizer Paulo aos crentes de hoje. A descristianização

recente de muitas áreas do mapa tradicional cristão começou justamente com a perda de identidade comunitária.

Dissensões entre cristãos (1Cor 6,1-11). É justamente a inferior qualidade da vida comunitária dos coríntios que Paulo ataca neste caso. Não existe o diálogo nem a caridade. Aos grupos de que falou antes se acrescenta agora a desventura das dissensões, com o agravante de que os assuntos de família se expõem e se submetem agora aos de fora.

O apóstolo propõe um mandamento e um conselho. O mandamento é resolver as dissensões dentro da comunidade, submetendo o assunto a árbitros qualificados, capazes de julgar com senso de justiça cristã. É preciso lavar a roupa suja dentro de casa, quer ele dizer. O conselho parece ainda mais forte que o mandamento. Paulo pede aos disputantes cristãos diante dos tribunais civis que cedam os próprios direitos pelo bem da paz, que é o triunfo da caridade sobre a legalidade. Esse conselho atualiza o de Jesus no Sermão da Montanha (cf. Mt 5,38-40). E mais, Paulo questiona o direito que têm de se sentir ofendidos por algum roubo ou delito contra a propriedade, que é o que parece que estava em litígio. Os requerentes são provavelmente os ricos da comunidade, os únicos com capacidade econômica e legal de instituir pleitos diante dos tribunais do império. Finalmente, vem dizer-lhes Paulo, não são suas riquezas fruto do despojo de irmãos seus? Termina esse assunto dos pleitos com um chamado de atenção aos ricos e poderosos para que se orientem pela justiça do Evangelho: "Não sabeis que os injustos não hão de possuir o Reino de Deus?" (v.9).

Em seguida, Paulo completa a série de condutas negativas que já havia iniciado em 5,11, ao aludir aos fornicadores, idólatras, adúlteros etc. Eles nem mesmo herdarão o Reino de Deus. O motivo deixa-o para o final, onde com três termos de grande conteúdo teológico descreve o

milagre acontecido nos crentes de Corinto. Se antes incorreram nesses vícios, agora, pelo batismo em nome de Jesus, "fostes lavados, mas fostes santificados, justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus" (v.11). Esses três termos aludem à transformação existencial ocorrida no batismo que deve dar à luz uma pessoa nova e santa.

Liberdade cristã e fornicação (1Cor 6,12-20). O tema que Paulo toca neste bloco de sua carta é de atualidade candente. Já o era então e continua sendo hoje: a liberdade sexual. Em estilo de diatribe, o apóstolo repete e refuta os argumentos dos coríntios.

O primeiro argumento é uma grosseira interpretação da liberdade evangélica à qual Paulo alude com frases como "tudo me é permitido" (v.12). É provável que alguns membros da comunidade se tivessem deixado influenciar por correntes do pensamento gnóstico grego, muito em moda naqueles dias, segundo as quais a materialidade - o corpo e suas funções.

O segundo argumento na aparência mais convincente: a satisfação ou a gratificação sexual é tão necessária e eticamente neutra como o comer. Hoje em dia nós o formularíamos assim: o sexo é simplesmente uma função natural e, se se pratica entre adultos, sem coação, livremente, com o mútuo consentimento dos interessados e sem prejuízo para terceiras pessoas, pertence ao âmbito do privado onde ninguém tem o direito de se intrometer e menos ainda de moralizar.

Paulo refuta esses argumentos sob a visão de uma verdadeira antropologia cristã. Opõe-se frontalmente a uma dicotomia da pessoa humana entre corpo e espírito e, por conseguinte, a todo falso espiritualismo que rebaixe, desdenhe ou menospreze o corpo e, portanto, a sexualidade. A pessoa humana não "tem" corpo, mas "é" corpo.

Pois bem, o homem e a mulher inteiros, com seus corpos, pertencem

ao âmbito da salvação. Por eles e por elas morreu Jesus corporalmente e os corpos têm de compartilhar também da glória do ressuscitado. A sexualidade, como parte importante do corpo, ascende também para o âmbito da salvação. Somos membros de Cristo, repete Paulo. O corpo do cristão - não só a comunidade - é sinal visível e templo do espírito. Nossa vida moral move-se também no emprego de nosso corpo.

Matrimônio e celibato (1Cor 7,1-16). Aqui começa Paulo a responder às consultas dos coríntios. Primeiro refere-se aos casados (vv.2-7). No extremo oposto dos que declaram o "amor livre" encontram-se os que excluem o matrimônio ou as relações sexuais dentro dele, de acordo com filosofias sectárias de cunho ascético. Havia de tudo naquela comunidade de Corinto tão pluralista.

Paulo apoia o casal. Reconhece, antes de tudo, a normal inclinação sexual de todo ser humano, também dos fiéis de Corinto, e considera o matrimônio como a maneira concreta de viver essa inclinação. Possui como fundo o mandamento bíblico de deixar a própria família viver com a esposa ou esposo e multiplicar-se nos filhos (cf. Gn 1,28; 2,24). É claro o reconhecimento por Paulo da igualdade dos cônjuges quanto a seus direitos sobre o outro. A mulher é simples posse do marido. Quanto à sexualidade compartilhada, é taxativo: "Não vos recuseis um ao outro, a não ser de comum acordo, por algum tempo, para vos aplicardes à oração" (v.5). O apóstolo conhece bem a tradição bíblica que cantou e enalteceu com tanto realismo e poesia o prazer da entrega sexual mútua. Paulo aceita, não obstante, certos períodos de continência sexual temporária para dedicá-los à oração, mas a seguir volta a dizer aos casados que não exagerem: não aconteça que o remédio seja pior que a doença. Resumindo, o matrimônio para Paulo é um dom - carisma - de Deus que leva consigo uma missão fundamental dentro da sociedade.

No fim dessas considerações dirigidas aos casados, o apóstolo deixa escapar uma frase que foi manipulada e mal-interpretada por muitos: "Pois quereria que todos fossem como eu" (v.7), isto é: célibe, solteiro e sem compromisso. O que procurava dizer Paulo aos coríntios? Está propondo o celibato como ideal supremo dos que seguem Jesus? Certamente não. Paulo não concebe o celibato como uma façanha produzida pelo esforço e controle humano, e sim que, tal como no matrimônio, se trata de um carisma - sua palavra favorita -, um dom gratuito de Deus. Entre os diversos dons e carismas que Deus nos dá, não existem categorias de inferior ou superior. Dito de outra maneira, o religioso ou a religiosa que vive seu voto de castidade pelo Reino de Deus não foi chamado ou chamada a nenhum "estado de perfeição" - expressão técnica que já foi apagada da teologia da Vida Consagrada - superior ao "estado de casado".

Paulo, pois, dirige-se aos solteiros e às viúvas da comunidade e lhes diz que permaneçam como estão, isto é, célibes, se esse for seu carisma. Se não for, "é melhor casar-se do que abrasar-se" (v.9). Voltará novamente a esse tema do celibato e matrimônio. Agora, o apóstolo dirige-se outra vez aos casados recordando-lhes como lei do Senhor Jesus (cf. Mc 10,1-12) a indissolubilidade do matrimônio, ao menos como ideal a conseguir. Essa lei do Senhor não é absoluta simplesmente. De fato, estabelece em seguida uma exceção à regra no caso concreto dos matrimônios mistos tão comuns, ao que parece, na comunidade de Corinto. Detalha os casos possíveis com minuciosidade, referindo-se ao poder de santificação de que são portadores tanto o marido quanto a esposa cristã capaz de transformar o cônjuge não cristão e os filhos e as filhas de ambos, realizando assim um matrimônio indissolúvel e feliz. Mas se a convivência é impossível e o cônjuge não cristão se separa, a parte cristã fica livre e pode voltar a casar-se. Aqui se enraíza o chamado "privilégio paulino",

reconhecido sempre na Igreja como caso particular no qual pode-se dissolver o matrimônio.

Seja como for, Paulo conclui que o "Deus vos chamou a viver em paz" (v.15). Eis aqui o critério último do apóstolo para decidir sobre situações matrimoniais insustentáveis, caiam ou não sob o "privilégio paulino". De maneira definitiva, a lei da indissolubilidade matrimonial terá de se submeter sempre à lei suprema da caridade.

Não mudar de condição (1Cor 7,17-24). Estes versículos parecem ser uma espécie de resumo: como regra geral, que os casados permaneçam como tais, as viúvas como viúvas e os solteiros em seu estado. Mas Paulo aplica agora essa regra geral a outras situações sociorreligiosas: estar ou não circuncidado, ser escravo ou livre. O chamado de Cristo, quer ele afirmar, não está vinculado a nenhuma espécie de condição social. Assume-as todas e ao mesmo tempo as relativiza. Em um plano superior, a distinção entre escravo e livre fica invertida com proveito para ambos; ser cristão é uma "emancipação" para o escravo (cf. Gl 5,1). Ser servo de Cristo é uma honra para a pessoa livre. O importante é pertencer a Cristo que nos comprou a elevado preço, o preço de seu sangue. Não obstante, diz Paulo, os escravos que possam obter a liberdade a consigam.

Mostra-se aqui o apóstolo indiferente perante a escravidão ou, de maneira geral, perante a situação social dos coríntios? Seria injusto atribuir isso a Paulo. O horizonte sob o qual fala é o dos acontecimentos finais da história que já estão batendo à porta. Sob essa perspectiva, o absolutamente necessário, que é pertencer a Cristo, relativiza tudo o mais.

Matrimônio e virgindade (1Cor 7,25-40). Estamos diante de uma passagem que gerou grande diversidade de interpretações. Além do mais, algumas palavras de Paulo podem ser traduzidas de diferente maneira. A pergunta à qual o apóstolo tenta dar uma resposta seria esta: matrimônio

ou celibato, o que é melhor? A pergunta não se referiria ao matrimônio em geral, pois já foi contestada anteriormente. Parece que os que propunham esta questão eram jovens solteiros de ambos os sexos - não muitos, certamente - os quais perante o exemplo do celibato de Paulo estavam ponderando adotar essa possível opção de vida. Tratava-se de jovens que haviam se comprometido mais a fundo na tarefa de evangelização em Corinto e aos quais Paulo considerava como colaboradores seus mais diretos? É o mais provável.

O apóstolo parece sentir-se perplexo diante da resposta a dar. Por isso começa dizendo que não tem mandamento do Senhor sobre o tema. Só pode oferecer um conselho. Esse sim, baseado na experiência de sua missão apostólica e como homem digno de confiança que é, pela misericórdia de Deus. Mais adiante dirá que também ele tem o Espírito do Senhor. Trata-se, pois, de um conselho apostólico orientado para a missão. Suposta a possível existência desse carisma do celibato missionário (7,7) nos jovens em questão, Paulo lhes diz que entre dois bens a escolher, matrimônio e celibato, para eles é melhor o celibato. Apoia esse conselho, em primeiro lugar, nas tribulações que lhe estava acarretando sua dedicação total ao Evangelho e que antes mencionou (4,11-13). Seria isso compatível com as necessárias preocupações que a vida matrimonial exige?

Paulo não está negando em absoluto nem relativizando a vocação dos casados a trabalhar pelo Evangelho. Nada mais distante de sua intenção. O apóstolo se refere a um carisma novo que estava surgindo nas comunidades cristãs e, de maneira concreta, também na de Corinto: a opção por uma vida célibe para preocupar-se com "as coisas do Senhor, para ser santa no corpo e no espírito" (v.34). A esse carisma do celibato pelo Reino de Deus, à imitação de Jesus e dele mesmo, o apóstolo quer dar carta de

legitimidade na Igreja (cf. Mt 19,21). E mais, acredita que é necessário dentro da comunidade cristã, sem comparações de superioridade ou de inferioridade em relação ao matrimônio. O carisma ou dom vocacional que Deus dá a cada pessoa é o melhor para ele ou para ela e cada qual tem direito a referir as vantagens do caminho escolhido. Isso é o que o apóstolo faz aqui nem mais nem menos.

Em todo caso, o horizonte em que o apóstolo se movimenta é o futuro Reino de Deus que já irrompeu em nosso presente cotidiano, relativizando e orientando toda a situação humana para esse "depois" que será o destino de todos e de todas. É sob essa perspectiva a partir da qual julga a conduta existencial cristã neste teatro do mundo: "O que importa é que os que têm mulher vivam como se a não tivessem; os que choram, como se não chorassem", etc. (vv.29-31). Nada de desprezo pelo mundo, suas ansiedades e suas conquistas, e sim orientação de tudo para o único absolutamente necessário: a salvação definitiva. É justamente esta a função do carisma do celibato pelo Reino de Deus: ser parábola e símbolo desde agora, para a Igreja e para o mundo, das realidades futuras.

Vítimas sacrificadas aos ídolos (1Cor 8,1-13). Paulo se refere a um caso muito concreto daquela comunidade que vivia em ambiente pagão: comer ou não comer carne que havia sido sacrificada aos ídolos. Esse problema fará sorrir certamente a nós, cristãos de hoje. Não obstante, como nos tem já acostumados, Paulo se eleva acima do circunstancial do caso concreto e oferece aos coríntios - e aos leitores e leitoras de hoje - uma formidável lição sobre a dimensão de solidariedade que tem de ter a liberdade cristã.

Tratava-se da carne que sobrava de banquetes cultuais e que depois se vendia no mercado. Naturalmente, o cristão ou a cristã não participavam do culto aos ídolos. Podia, não obstante, comprar a carne no mercado

e comê-la? Eis aqui a questão.

Havia na comunidade cristãs e cristãos escrupulosos - o apóstolo os chama de "consciência débil" - (v.7), provavelmente recém-convertidos do paganismo, que consideravam essa carne como contaminada já pela idolatria e, portanto, não a comiam, escandalizando-se de que outros o fizessem. É aos outros, aos "libertados", aos quais se dirige Paulo. Faz isso em dois planos: o do "conhecimento" ou consciência ilustrada e o da "caridade".

Diz o conhecimento: existe um só Deus, portanto as carnes sacrificadas aos ídolos são como outra carne qualquer e nada existe de mal em comê-la. Diz a caridade: não se pode escandalizar o irmão ou a irmã que tem a consciência menos formada ou escrupulosa. Provocar a queda do irmão é fazer grave ofensa a Cristo (cf. Rm 14,15-20).

Não quer o apóstolo que deixemos o de consciência fraca em sua ignorância. Exatamente o contrário. Não obstante, é o respeito ao fraco e ao ignorante o que dá à nossa liberdade sua qualidade de liberdade cristã, isto é, uma liberdade presidida e regulada pela caridade. Em suma, esta é a verdadeira liberdade que Jesus nos trouxe.

O exemplo de Paulo (1Cor 9,1-27). É justamente a defesa dessa liberdade que ele exerce que faz Paulo se lançar a esse discurso polêmico, apaixonado e veemente. Nele se compilam algumas das expressões mais memoráveis que tenham sido produzidas pela literatura paulina. Começa dizendo que é livre e apóstolo como ninguém mais, pois "não vi Jesus, nosso Senhor?" (v.1). Prova disso: "vós sois no Senhor o selo de meu apostolado" (v.2). Enumera depois os direitos dos quais poderia estar desfrutando em sua qualidade de apóstolo e aos quais renunciou livremente pelo bem da comunidade, como comer e beber (v.4) à custa da mesma comunidade ou ser acompanhado em suas viagens apostólicas

por "uma mulher irmã, a exemplo dos outros apóstolos" (v.5) etc.

Deixa-o indignado, sobretudo, que critiquem o direito e a liberdade de trabalhar com suas mãos para seu próprio sustento e para não ser pesado a ninguém. Este trabalho manual de Paulo, humilde tecelão de tendas e toldos, não calhava muito bem com a cultura greco-romana que considerava todo trabalho manual como atividade de escravos e, portanto, nesse caso, indigno de um apóstolo e fundador de comunidades cristãs.

Paulo é insistente, repete várias vezes com uma série de comparações e referências bíblicas que o apóstolo como o soldado, o lavrador ou o pastor tem direito a usufruir os frutos de seu trabalho, para terminar enfaticamente: "Mas não tenho usado de nenhum desses direitos" (v.15). Paulo está pedindo o reconhecimento ou a admiração dos coríntios? "Preferiria morrer a..." (v.15), exclama com orgulho.

A partir daqui, o apóstolo volta a descrever o sentido de sua missão de anunciar a Boa-Nova com uma das expressões mais fascinantes que saíram de sua boca: "Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!" (v.16). Sente-se como um profeta, forçado a pregar. Recorda-nos o exemplo de Jeremias (Jr 15,17); tomado pelo fogo interior da mensagem, "esgotei-me em refreá-lo, e não consegui" (Jr 20,9).

Só fortes contrastes de palavras como estes podem expressar a nova realidade existencial com que foi agraciado Paulo em seu encontro com o ressuscitado no caminho de Damasco, que fez dele um homem livre e felizmente acorrentado a Jesus (cf. At 9). Essa força que o ata desde dentro é o amor, expressão suprema da liberdade.

A "memória" desse Jesus, gravada no mais profundo de seu ser, o levará a escolher e a identificar-se com os fracos e marginalizados em uma vida de contínuo risco evangélico. Em Antioquia (cf. Gl 2,11-15) pôs-se ao lado dos pagão-cristãos, cuja causa viu ameaçada. Agora, em Corinto,

sai em defesa dos "fracos" judeo-cristãos. Sente-se judeu com os judeus, sem lei com os sem lei, fraco com os fracos. Em uma palavra: "Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos" (v.22). Que pagamento Paulo espera? Não outro senão participar da mesma Boa-Nova que anuncia.

Termina com uma imagem desportiva de corrida e pugilato, sugerida pelos "Jogos Ístmicos" que se celebravam em Corinto, para ilustrar o modo de ser livre que ele escolheu: treinamento, disciplina e renúncia para conseguir o prêmio. Se no estádio um só consegue a medalha desportiva, no terreno cristão todos e todas conseguirão o prêmio contanto que corram e se esforcem com perseverança e empenho.

Perigo de idolatria (1Cor 10,1-13). Paulo ilustra a necessidade de perseverar até o fim, fazendo desfilar diante dos olhos dos coríntios vários episódios das escalas dos israelitas no deserto, comentando-os não como um pregador fundamentalista, e sim com a liberdade de interpretação da tradição rabínica, para aplicá-los ao momento presente da comunidade. O tema do êxodo era um dos mais explorados por essa tradição na qual se havia educado o judeu Paulo. Os episódios exemplares recolhidos são: a passagem do mar Vermelho (cf. Ex 14), o maná (cf. Ex 16), a água da rocha (cf. Nm 20), a covardia diante do perigo (cf. Nm 14), o bezerro de ouro (cf. Ex 32), a prostituição sagrada (cf. Nm 25), as serpentes (cf. Nm 21), o protesto (cf. Nm 17).

Os israelitas foram um povo favorecido e mimado por Deus, não obstante, muitos deles prevaricaram, prostituíram-se, tornaram-se idólatras, fornicaram, protestaram, rebelaram-se no momento da tentação no deserto. O deserto é a etapa tradicional da "provação" (cf. Ex 16,4; 20,20; Dt 8,2.16) que é parte integrante da existência humana e cristã. No Pai-Nosso pedimos força para superá-la, não para eliminá-la.

Paulo, simples e claramente, faz um apelo para eliminarmos de nossas

vidas toda presunção e autossuficiência. Humilde e ao mesmo tempo preparado como um atleta, é assim que o apóstolo quer ver o cristão perante a tentação que continuamente ronda nossas vidas. Não estamos, todavia, sozinhos ou sozinhas diante do perigo: "Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além de vossas forças" (v.13).

Refeições idólatras e liberdade cristã (1Cor 10,14-11,1). As tentações concretas e algumas das quedas dos coríntios já apareceram na carta. Paulo julgará agora um caso particular: a participação nos banquetes cultuais pagãos. Diante da possível objeção de que os ídolos são nada e que, portanto, esses banquetes são neutros (8,4), Paulo responde com dureza: "Eu não quero que tenhais comunhão com os demônios" (v.20). Esses "demônios", vem ele dizer-lhes, são hoje os "rivais" de nosso único Deus, que é um "Deus ciumento" (cf. Ex 20,5; 34,14; Dt 4,24; 5,9; 6,15).

Cometeríamos um erro se atribuíssemos às palavras de Paulo um sentido de condenação ou menosprezo às religiões pagãs simplesmente. Logicamente, o apóstolo não chama divindades e demônios aqueles ídolos de madeira ou mármore das cerimônias cultuais. Não era bobo. Sabia muito bem que aqueles banquetes não eram inocentes reuniões cívicas ou folclóricas às quais um cristão convicto e "libertado" podia acorrer sem perigo para sua fé. Os "verdadeiros demônios" aos quais ali se prestava culto, simbolizados nas imagens e nos ídolos que presidiam os banquetes, eram a hegemonia e o poder da classe dominante que estavam na base da ideologia política do império com suas sequelas de discriminação e exploração.

Os demônios da injustiça e da exploração do pobre não conhecem fronteiras. Aninham-se e escondem-se em sistemas políticos ou econômicos, em conselhos de administração, até em práticas e ideologias religiosas. Esses "demônios" são os que fazem a competição e desencadeiam os

ciúmes de Deus. Resumindo, Paulo está dizendo à elite rica e "libertada" dos cristãos da comunidade que se abstenham desses banquetes mesmo com risco de perder conexões, amizades e oportunidades econômicas. A razão profunda desse comportamento cristão Paulo no-la oferece apresentando a eucaristia, centro e eixo da comunidade de crentes, como a expressão e a afirmação de uma espécie de parentesco "carnal", de misteriosa "consanguinidade" com o Senhor. Aí se efetua a comunhão com Deus e com os irmãos e irmãs. O pão único que comemos o simboliza e o alimento em comum o realiza. "Não podeis beber (...) o cálice do Senhor e o cálice dos demônios. Não podeis participar (...) da mesa do Senhor e da mesa dos demônios" (v.21), conclui Paulo. Sobre este tema voltará mais tarde.

Finalmente, retomando o assunto da liberdade (6,12), o apóstolo repete outra vez que a caridade impõe um limite à liberdade e que o emprego desta tem de ser "construtivo". Só o será se dermos preferência ao próximo, especialmente ao próximo necessitado.

O véu das mulheres (1Cor 11,2-16). Eis aqui um problema que se torna para nós culturalmente distante. Na antiguidade, tanto entre os judeus como no mundo grego, a mulher usava um lenço na cabeça como sinal de pudor. De acordo com Nm 5,18, priva-se desse lenço a mulher que é suspeita de adultério. Por que algumas mulheres cristãs de Corinto tomaram a iniciativa de tirar o véu nas reuniões e assembleias religiosas? Com toda a probabilidade foi por causa da nova liberdade de que estavam gozando nas comunidades cristãs de então, e que o mesmo Paulo favorecia e animava, o que levou aquelas mulheres a realizar esse gesto de desafio em relação aos costumes estabelecidos. De fato, as mulheres das comunidades de Paulo tinham muito mais liberdade e protagonismo do que nossas mulheres nas assembleias cristãs de hoje.

Dirigiam a oração, pregavam, profetizavam e ensinavam. Eram líderes reconhecidas e respeitadas. Algo totalmente novo e inaudito para os costumes daquela época, inclusive também para nossos dias. As cartas do apóstolo estão salpicadas de nomes de mulheres líderes e colaboradoras de primeira linha em seu apostolado.

Quiseram exprimir, tirando o véu, sua igualdade com os homens que dirigiam a oração e profetizavam de cabeça descoberta? Foram, talvez, demasiadamente longe provocando assim a reação dos elementos conservadores da comunidade? Assim pensava Paulo e, portanto, critica esse gesto. Outra coisa são os argumentos de antropologia (v.14) e da Escritura que o apóstolo invoca para reforçar sua rejeição, indicando a dependência da mulher em relação ao homem e, portanto, certa inferioridade do sexo feminino. Aqui Paulo se mostra como o que era: um homem de seu tempo, influenciado por correntes machistas de interpretação bíblica, muito em moda nos ambientes judeus daquele tempo e que hoje certamente estão fora do contexto. O curioso é que "o Paulo cristão" não parece estar muito convencido em relação aos seus próprios argumentos, por isso dá marcha à ré na metade de sua reflexão: "Com tudo isso, aos olhos do Senhor, nem o homem existe sem a mulher, nem a mulher sem o homem" (v.11) e que, finalmente, "a mulher foi tirada do homem, porém o homem nasce da mulher, e ambos vêm de Deus" (v.12). Fiquem, pois, essas opiniões do apóstolo a respeito da mulher como testemunho da tensão entre a cultura tradicional e a novidade evangélica na qual se debatia a Igreja primitiva sem excluir o próprio apóstolo. Uma tensão que continua hoje e que continuará até que a completa igualdade de direitos e oportunidade do homem e da mulher seja uma realidade não só na sociedade, mas também na Igreja.

Ágape e eucaristia (1Cor 11,17-34). Paulo enfrenta agora um

problema muito mais sério, o escândalo das celebrações eucarísticas dos coríntios. A "ceia do Senhor" ou eucaristia costumava ser celebrada ao entardecer nas casas particulares - não havia igrejas ainda - dos mais ricos da comunidade, as únicas que tinham capacidade para acolher cinquenta ou sessenta pessoas. Antes de começar a "ceia do Senhor" propriamente dita, fazia-se uma refeição fraterna à qual os ricos traziam suas provisões que evidentemente tinham de ser compartilhadas entre todos. Sem esperar que chegassem os mais necessitados e os retardatários que costumavam ser os trabalhadores e escravos em razão de sua longa jornada de trabalho, os ricos comiam e bebiam a mais não poder, de modo que quando chegavam os pobres para eles restavam as sobras, se é que sobrava alguma coisa. Imediatamente depois ricos e pobres, uns de barriga cheia e até embriagados e outros famintos e sedentos, procediam à celebração da eucaristia.

Ao saber disso, Paulo fica cheio de indignação. Até esse extremo chegam as divisões entre os ricos e os pobres da comunidade? Que espécie de eucaristia celebrais vós?, chega a dizer o apóstolo para aqueles ricos. Para comer e embriagar-se, comam e embriaguem-se em suas casas. Fazê-lo onde o fazem menosprezam a assembleia de Deus e envergonham os que nada possuem (v.22) e que são simplesmente seus irmãos e suas irmãs.

Diante dessa situação, Paulo expõe aos coríntios o relato da Instituição da Eucaristia, seu sentido e consequências, em uma bela catequese que, ao mesmo tempo que ensina, denuncia e repreende. Trata-se do documento mais antigo do NT sobre a Instituição da Eucaristia, dado que esta carta foi escrita lá pelo ano 55 ou 56, muito tempo antes dos evangelhos. O apóstolo diz que lhes transmite uma tradição que ele mesmo recebeu, provavelmente em Antioquia, e que remonta até o Senhor. Nos tempos de Paulo, essa tradição já se havia concretizado em uma celebração

litúrgica na qual se realizavam as duas ações eucarísticas (vv.23-25), uma em continuação da outra - exatamente como em nossas celebrações eucarísticas de hoje, na qual à bênção do pão segue a bênção do cálice -, e não espaçadas de acordo com o ritmo da ceia judaica da Páscoa, tal como aconteceu na "última ceia do Senhor". A refeição fraterna se realizava antes e estava intimamente ligada ao próprio sentido da eucaristia, isto é, união e solidariedade.

Paulo situa a celebração eucarística entre dois horizontes, ambos referentes a Jesus. Um histórico: "na noite em que foi traído" (v.23). Outro, futuro: "até que venha" (v.26). Entre ambos os horizontes transcorre "o aqui e o agora" da vida e missão da comunidade cristã que tem seu coração e seu centro na Eucaristia. O pão e o vinho consagrados recordam, atualizam, tornam presente no seio da comunidade "a memória de Jesus", isto é, toda a sua vida entregue aos pobres, aos marginalizados e pecadores que culmina com a morte na cruz e a ressurreição. Pois bem, essa "memória de Jesus" pela invocação e presença do Espírito Santo liberta, transforma e salva, pois "todas as vezes que comeis deste pão e bebeis deste cálice lembrais a morte do Senhor, até que venha" (v.26). Assim, o "corpo eucarístico" de Jesus não é já somente seu corpo morto e ressuscitado, presente no pão e no vinho, mas abrange toda a comunidade de crentes que fica transformada no "corpo de Cristo", segundo a metáfora favorita de Paulo para se referir à comunidade cristã.

O apóstolo tira as consequências. Pode-se participar da eucaristia, ouvir a Palavra de Deus, comungar o corpo e o sangue do Senhor e depois ignorar o pobre e o oprimido? O apóstolo é duríssimo: quem come o pão e bebe o cálice do Senhor de maneira indigna comete pecado contra o Corpo e o Sangue do Senhor, come e bebe sua própria condenação porque despreza o Corpo de Cristo em seus membros mais frágeis, oprimidos

e marginalizados. O compromisso pela justiça e pela libertação não é já uma simples exigência ética para Paulo, e sim que surge do próprio cerne do ser cristão, isto é, de pertencer ao "Corpo" daquele que deu sua vida pela libertação de todos em uma clara opção pelos mais desprotegidos e marginalizados da sociedade. Essa é a missão da Igreja, Corpo de Cristo, "até que venha" e faça definitiva e universal a salvação já começada.

Dons espirituais (1Cor 12,1-31). A imagem do "Corpo de Cristo", Paulo agora a emprega para enfrentar outro problema que a comunidade de Corinto apresentava: as rivalidades, os ciúmes e as rixas por causa dos diversos dons espirituais - carismas - que os cristãos haviam recebido e que exerciam tanto no seio da comunidade como fora dela. Esse problema de ciúmes, competições e discriminação não oculta, e sim, ao invés, realça o verdadeiramente positivo daquela comunidade. Eram cristãos entusiastas, cheios do Espírito, conscientes do seu protagonismo e da função maior ou menor que cada um e cada uma podia exercer dentro do grupo. Por isso, apesar de todas suas fraquezas humanas e abusos, a comunidade de Corinto continua sendo um exemplo para os crentes de todos os tempos. Que diria o apóstolo de muitas de nossas comunidades cristãs da atualidade, cujo verdadeiro problema é a passividade e o desinteresse de seus membros?

Paulo enumera uma lista desses dons ou carismas tanto no princípio (vv.8- 11) como no final desta sessão de sua carta (vv.27s). Não se trata de listas exaustivas e sim ilustrativas da variedade e pluralidade que caracterizava a comunidade onde havia de tudo: gente com o dom da sabedoria, do discernimento, de cura, de conselho, de pregação, de expressar experiências espirituais e de interpretá-las - o apóstolo chama a esses dons o falar em línguas e interpretá-las -, de liderança - apóstolos, profetas, mestres -, de assistência aos necessitados etc. Isto é, uma

comunidade verdadeiramente pluralista, viva e comprometida.

Qual era, pois, o problema? O de sempre, isto é: as pessoas que exerciam funções mais humildes eram desvalorizadas, desprezadas e subordinadas. Em troca, alguns dirigentes e líderes destacavam-se do grupo e terminavam dominando e reduzindo ao silêncio os outros, seguramente os mais pobres e menos influentes. Paulo quer, pois, frear esse abuso de discriminação e arrogância por parte de alguns privilegiados, afirmando que os ministérios, os carismas e as atividades têm como origem comum o Senhor, seu Espírito e Deus. Sem usar uma terminologia trinitária desenvolvida, é patente o pensamento trinitário do apóstolo: Espírito Santo, Senhor Jesus, Deus Pai.

Os dons e carismas, pois, não são qualidades naturais nem fruto do esforço humano nem méritos ou privilégios, e sim pura graça e dom das três pessoas divinas. Além do mais, esses dons não são para uso e usufruto exclusivo dos que os receberam, e sim para o bem de toda a comunidade. Em continuação, o apóstolo volta a tomar a imagem da comunidade como "Corpo de Cristo" e a relação que deve existir entre seus membros.

Quer dizer, em primeiro lugar, que as categorias discriminatórias de escravo ou livre, judeu ou grego, homem ou mulher, ricos ou pobres, já não existem, pois foram abolidas pelo Senhor. Em segundo lugar, que todos e todas sem exceção são protagonistas na construção do Reino de Deus, tarefa de toda a comunidade cristã. A imagem da sociedade como "corpo organizado" era bastante comum no pensamento ético da cultura grega. Usava-se, todavia, para reforçar o status quo, isto é, a superioridade e o domínio de uns sobre outros. Ao aplicar essa imagem à comunidade cristã, Paulo procura justamente o contrário: destruir qualquer estrutura de domínio que marginalize os membros mais fracos

e vulneráveis, o que lhes tira o protagonismo e os reduz a "ouvir e calar" como sucedeu durante tantos séculos com os sofredores "leigos", termo cujo significado chegou a ser sinônimo de "ignorantes".

O Concílio Vaticano II deu finalmente uma reviravolta na situação ao afirmar que a "Igreja docente, santificante e dirigente", não é já exclusivamente a hierarquia eclesiástica, nem os "ministérios" são exclusivos dos bispos e sacerdotes, e sim que os cristãos que constituem a "massa silenciosa" do laicato, em virtude do batismo recebido, têm também o carisma do Espírito de "ensinar, santificar e liderar" dentro das relações de harmonia com a hierarquia que constituem esse "mistério de comunhão", que é a Igreja. O sonho de Paulo de uma Igreja toda carismática e toda ministerial vai-se fazendo pouco a pouco realidade.

Hino ao amor cristão (1Cor 13,1-13). O que no corpo realiza e anima a funcionalidade orgânica, na Igreja o realiza o supercarisma que é o amor. Ao chegar aqui, a retórica de Paulo torna-se lírica para cantar o amor. Pode comparar-se ao ensinamento do sermão da ceia - especialmente Jo 15,12-17 - e a Primeira Carta de João. Aos termos gregos correntes de eros ou philia preferiu Paulo um termo menos frequente, ágape, pois canta o amor que o Espírito de Deus, de Cristo, infunde no cristão e na cristã (cf. Rm 5,5). Embora em alguma de suas manifestações coincida com as de outros amores humanos, a origem e a finalidade do "ágape" transcende e supera a todos.

O termo grego "ágape" vem sendo traduzido por "caridade". Esta palavra hoje em dia está desprestigiada, perdeu em nossas línguas atuais toda a força que tinha na experiência e na vida de Paulo. Atualmente "caridade" ou "fazer caridade" para muita gente significa dar uma esmola ou ajuda esporádica ao necessitado sem que necessariamente comprometa a pessoa que dá no mais profundo de seu ser. Para o apóstolo, ao contrário,

a "caridade" é tudo, e sem "caridade" toda a vida cristã se reduz à hipocrisia.

Como explicar esse amor? Deixando de lado toda definição, Paulo se lança a uma apaixonada desqualificação e relativização de todo dom ou qualidade humana, esforço, renúncia e sacrifício que não esteja inspirado pelo amor- caridade (vv.1-3). Depois, desce ao detalhe e nos diz como se comporta uma pessoa que ama (vv.4-7), para terminar afirmando que, no fim, quando nos encontrarmos com Deus face a face, a fé e a esperança terão cumprido sua tarefa e só o amor permanecerá para sempre. Não devemos esquecer o contexto polêmico da carta na qual Paulo insere esse magnífico canto ao amor, isto é, o contexto do "Corpo de Cristo", formado por todos os crentes da comunidade de Corinto onde se havia insinuado a divisão e a discriminação. Só o amor a Cristo e a seu Corpo, já inseparáveis, é capaz de criar a comunidade. Como dizia São João da Cruz: "No último dia seremos examinados no amor".

Profecia e línguas arcanas (1Cor 14,1-40). A julgar pela extensão do capítulo, ou Paulo pretendia deixar bem claras as coisas ou os coríntios eram de cabeça dura e teimosos no entender. A conclusão (v.37) denota um tom ligeiramente irritado. Naquelas assembleias comunitárias não só havia marginalização e divisão, mas também confusão e desordem, talvez uma provocada pela outra. Pelo visto, um grupo de fervorosos carismáticos, talvez um tanto exaltados, desorientava a todos com suas longas intervenções com sons inarticulados e ininteligíveis aos quais Paulo se refere como "línguas arcanas".

É surpreendente o espaço e a minuciosidade com que o apóstolo trata do tema. Vê-se que não era um episódio marginal e esporádico. É provável que esse grupo procurasse monopolizar o desenvolvimento das assembleias com seu excessivo protagonismo por considerar esse dom

como superior aos outros. Paulo chama a atenção para a maturidade e bom senso que deve reinar nas reuniões. Não condena de início esse "dom de línguas", e sim o põe em sua justa perspectiva. O objetivo de todo carisma ou dom do Espírito é a "edificação da Igreja" (v.12). Esse é o critério que deve presidir a ordem das assembleias e o protagonismo dos dons e carismas a serviço da comunidade. Cada coisa a seu tempo. Como exemplo, acrescenta que, embora ele mesmo possua esse dom de falar em línguas arcanas, inclusive "superior a todos vós" (v.18), todavia "prefiro falar na assembleia cinco palavras que compreendo, para instruir também os outros, a falar dez mil palavras em línguas" (v.19).

Além do mais, é preciso visar ao bem dos que não compartilham ainda de nossa fé. Se entrarem na assembleia pessoas não cristãs e vendo que todos e todas estão emitindo ao mesmo tempo sons inarticulados, "não dirão que estais todos loucos?" (v.23). Pelo contrário, "se todos profetizarem" (v.24), o não crente que entrar se sentirá interpelado e julgado e terminará caindo de joelhos e reconhecendo que "Deus está realmente entre vós" (v.25). Porém, mesmo esse carisma da profecia ou do ensinamento tem de ser exercido com ordem e harmonia.

Logo, como que de imediato, Paulo parece ordenar às mulheres que se calem nas assembleias (v.34), em aparente contradição com o que dissera anteriormente (11,5), no qual reconhece o direito da mulher a profetizar e dirigir a oração em público. Essas palavras do apóstolo levantaram considerável polêmica, a tal ponto que muitos especialistas pensam que foram introduzidas naquele texto depois da morte do apóstolo, quando o antifeminismo retomava força nas comunidades cristãs pós-apostólicas (cf. 1Tm 2,12). Se são palavras do próprio Paulo, o contexto está pedindo outra interpretação mais branda, isto é, o apóstolo não estaria dando uma norma geral e sim corrigindo o abuso concreto de certas mulheres que

interrompiam continuamente com suas perguntas devido à ansiedade por aprender, colocando à prova a paciência do grupo e contribuindo para a desordem da assembleia. Essa é a interpretação mais lógica que o texto e o contexto pedem.

Tenham ou não saído tais palavras de Paulo, o fato é que estão aí como reflexo dos preconceitos antifeministas daquele tempo. Que dizer, pois? Simplesmente que essas palavras não são palavras que tocam a fé cristã, mas tocam sim a organização da Igreja, em relação à qual nem Paulo nem ninguém pode fixar normas irrevogáveis, menos ainda baseadas em preconceitos machistas.

Ressurreição dos mortos (1Cor 15,1-11). Concluído o tema dos carismas e seu emprego, Paulo enfrenta um novo problema sobre o qual lhe chegaram rumores: "Como dizem alguns de vós que não há ressurreição de mortos?" (v.12). É possível que esses indivíduos estivessem influenciados pelo pensamento filosófico grego que separava a alma e o corpo e que valorizava só aquela, reduzindo o corpo a matéria desprezível e perecível.

Aceitavam, isso sim, que Jesus tinha ressuscitado e que essa ressurreição já a estavam gozando plenamente. Prova disso? A euforia espiritual dessa suposta liberdade e conhecimento superior que lhes proporcionavam certos carismas mal-entendidos (cf. 14,12-19). As consequências não eram tão inocentes. Por exemplo, a indiferença moral tornava tudo relativo ao corpo, inclusive a sexualidade (cf. 6,12s), ou a falta de sensibilidade sobre a situação dos mais pobres e marginalizados da comunidade (cf. 8,1-12; 10,23).

Paulo, pois, aborda o tema da ressurreição de Jesus ligando-o indissoluvelmente à nossa. Ele o faz de maneira sistemática e ordenada.

"Eu vos lembro, irmãos, o evangelho que vos preguei" (v.1). A

introdução é solene porque dá passagem ao fundamental do evangelho que ele prega e que os coríntios acolheram com a fé "se o conservardes como vo-lo preguei" (v.2). Esta boa notícia tinha ficado já estabelecida nos tempos de Paulo em uma espécie de "confissão de fé" aceita por todas as comunidades cristãs e articuladas com expressões precisas e claras que se referem a dois fatos correlativos: morte-ressurreição de Jesus. Uma morte que perdoa os pecados porque aflui para a ressurreição. A menção à sepultura confirma a morte. As aparições atestam a vida.

O motivo de Paulo em recordar-lhes essa tradicional "confissão de fé" talvez seja que alguns dos coríntios questionavam sua autoridade como apóstolo. Uma vez deixada clara a "confissão de fé", Paulo enumera as "testemunhas" da ressurreição de Jesus começando pelos mais qualificados, Pedro, e os Doze, seguindo por outros "apóstolos" e um grupo impressionante de quinhentos irmãos e irmãs. Paulo se coloca em pé de igualdade com as outras testemunhas, embora se reconheça o último colocado na fila (cf. Ef 3,8). O testemunho apostólico desses homens e mulheres que viram, falaram e comeram com Jesus ressuscitado é fundamental para nossa fé. A isso nos referimos quando, recitando o "Creio em Deus Pai" na celebração eucarística, confessamos crer em uma Igreja santa, católica e "apostólica". Cremos não somente no que os apóstolos "viram" com seus próprios olhos, isto é, que Jesus estava vivo, e sim o que eles "creram": que essa vida do ressuscitado nos é dada para todos e para todas como perdão de nossos pecados e primícias e promessa de nossa própria ressurreição futura. A ressurreição de Jesus, portanto, é mais que um "fato real", é também uma "realidade de fé". Por isso a Igreja desde seus inícios não foi um movimento de contornos indefinidos, e sim uma comunidade convocada e reunida em torno dessa "realidade de fé" fundada nas "testemunhas da ressurreição", os apóstolos.

Assim continua sendo hoje em dia e continuará até o final dos tempos. Toda a Igreja e cada um de seus membros, segundo seu ministério: papa, bispos, sacerdotes, leigos e leigas, todos temos o dever primordial de manter intacto e vivo o testemunho dos apóstolos.

Também nós ressuscitamos (1Cor 15,12-34). A ressurreição de Jesus orienta-se para a nossa; se não se realizar a nossa, não se realizou a de Jesus. Paulo argumenta reduzindo ao absurdo a posição dos que negam a ressurreição. Se Jesus não ressuscitou, nossa fé não tem sentido nem fundamento, nossa esperança é ilusória e trágica. O apóstolo chega a dizer que nós cristãos seríamos de todos os homens "os mais dignos de lástima", por termos colocado a nossa esperança em Cristo "só para esta vida" (v.19). Um desastre para os já mortos e um grande vazio para os ainda vivos. Uma vaga imortalidade da "alma" sem o corpo, como a filosofia grega propunha, repugna tanto ao Paulo de tradição judaica quanto ao Paulo cristão.

Esses versículos constituem a grande afirmação da esperança cristã. Paulo contempla a humanidade como um grande acontecimento solidário, tanto para a infelicidade como para a salvação. A contraposição Adão-Cristo tem para ele simultaneamente um valor histórico, antropológico e salvífico. A humanidade sob o pecado e a morte - simbolizada em Adão - é substituída pela humanidade sob a graça e a vida que Cristo nos dá. A primeira foi causada pela desobediência de um, a segunda pela obediência do outro (cf. Rm 5,19). A dor e a morte são o oposto ao plano de Deus; por meio de Cristo esse plano, que é plano de vida, fica restabelecido.

Nesse caminho para a vida, Paulo estabelece as seguintes etapas: primeira, a ressurreição de Cristo que já é uma realidade; segunda, a ressurreição universal "na ocasião de sua vinda" (v.23); terceira, a sujeição

de todos os poderes hostis a Deus, até terminar com o último deles, a morte.

O apóstolo emprega outros argumentos para deixar bem clara sua mensagem. Um, tomado da prática de alguns coríntios que, ao que parece, recebiam um segundo batismo para aplicá-lo em benefício de parentes e amigos não cristãos já mortos. Embora não fique claro que tipo de prática era essa - o apóstolo nem a autoriza nem a desautoriza -, seria mais ou menos semelhante aos sufrágios e às orações que oferecemos hoje pelos falecidos e que estão supondo a crença em uma vida futura. Por último e referindo-se a si mesmo, Paulo lhes diz que estaria sofrendo por eles em vão se não acreditasse na ressurreição. Se não existe ressurreição, teriam razão os que dirigem sua vida segundo o refrão popular que o apóstolo cita: "Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, porque amanhã morreremos" (v.32).

Como ressuscitam os mortos? (1Cor 15,35-58). Paulo começa chamando "estultos" aos que imaginavam os cadáveres saindo das sepulturas com sua carne recomposta. É provável que se tratasse de uma imagem burlesca dos que negavam a ressurreição. Qual será, pois, a realidade dos corpos ressuscitados? O apóstolo, por meio de comparações, nos conduz à única resposta possível: ao ilimitado poder divino. Este se manifesta tanto no mundo vegetal como no mundo animal.

Talvez nós, conhecedores hoje dos códigos genéticos de plantas e animais, tenhamos perdido a capacidade de nos maravilhar diante da transformação que experimenta o mais "simples grão, como, por exemplo, de trigo ou de alguma outra planta" (v.37) que morre para retomar nova vida. Não era assim para a cultura bíblica na qual Paulo se move.

As comparações vegetais são correntes no Antigo Testamento e servem, de ordinário, para exaltar a vitalidade permanente, crescente e

renovada (cf. Sl 1; 91; Jó 14,7-9). Os hebreus não tinham ideias claras sobre a vida vegetal e atribuíam a mudança prodigiosa de semente simples e madura ao caule robusto e à espiga granada à ação direta de Deus. Solicitado pelo contexto, Paulo chama "a cada uma das sementes o corpo da planta que lhe é próprio" (v.38), à planta madura que, na mudança total de sua forma material, está pondo em destaque o princípio vital que o tornou possível e que não é outro senão o poder de Deus.

Do assombro diante da mudança radical que se produz nas plantas, Paulo passa agora para o assombro diante da variedade individual que se observa tanto no mundo animal quanto no dos "corpos celestes", dos quais o apóstolo ressalta seu "esplendor", doxa em grego, como querendo rastrear neles um reflexo da "glória", também doxa, de Deus.

O apóstolo tira a conclusão. A metáfora "semeia-se" recolhe a comparação vegetal e olha num relance o ato de enterrar o morto como uma espécie de semente (cf. Jo 12,24). "Semeado na corrupção, o corpo ressuscita incorruptível; semeado no desprezo, ressuscita glorioso; semeado na fraqueza, ressuscita vigoroso; semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual" (vv.42-44). A ressurreição, pois, não é o resultado de um processo ou evolução natural, e sim obra do poder de Deus, um avanço para diante, um salto qualitativo para a esfera do divino que leva consigo o "corporal e o terreno", tal como aconteceu com o corpo ressuscitado de Jesus.

É algo tão indescritível que Paulo o designa com um paradoxo: "Semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual" (v.44). Segue desenvolvendo sua mensagem com a comparação Adão-Cristo. Não é um recurso mítico e sim histórico. Adão simboliza o ser vivo, animal, procedente da terra. O segundo Adão - Cristo ressuscitado - é Espírito de vida, procedente do céu. O primeiro é a imagem de nossa condição terrestre, a imagem que o pai transmite ao filho (cf. Gn 5,3); o segundo

é a imagem de nossa condição celeste. Pois bem, "a carne e o sangue", o corpo humano corruptível, é incapaz de receber a herança do "reino" da glória e da imortalidade, não tem mais direito a ele. Tem de transformar-se primeiro mediante o poder de Deus. Paulo se refere a essa necessária transformação com o olhar colocado nos acontecimentos dos últimos dias (cf. 1Ts 4,15-17).

Se a segunda vinda do Senhor nos encontrar vivos ou mortos, a transformação será necessária tanto para uns como para outros. Então será inaugurada a etapa definitiva da humanidade. O apóstolo, que pensava que a parusia ou a segunda vinda do Senhor era iminente, esperava encontrar-se entre os vivos quando chegasse aquele dia. Esse mistério da ressurreição já em marcha, conclui Paulo, não nos deve levar a uma esperança passiva, e sim exatamente ao contrário: é um convite ao progresso na tarefa assinalada. A exortação final a permanecer na tarefa e no esforço ajusta-se a 15,30-32. A esperança na ressurreição gloriosa final dá sentido à luta e aos sofrimentos cotidianos.

Coleta para os fiéis de Jerusalém e saudações finais (1Cor 16,1-24). A coleta em favor da Igreja-mãe de Jerusalém, amplamente comentada em 2Cor 8s e mencionada também em Rm 15,25-31, exprime a solidariedade dos cristãos procedentes do paganismo com os judeo-cristãos residentes na Palestina, área periodicamente açoitada pela carestia e pela fome. Paulo entende-a, sobretudo, como sinal de comunhão eclesial. A coleta se fazia na reunião litúrgica dominical.

Compartilhar os bens na celebração eucarística salientava o compromisso fraterno que deve acompanhar o culto a Deus. É um sinal de delicadeza por parte do apóstolo aconselhar que as coletas não se façam em sua presença. Para o momento não vê necessidade de ir ele em pessoa entregar os donativos à Igreja-mãe. Quando as relações com

Jerusalém piorarem, isso se tornará imprescindível (cf. Rm 15,25.31); mas não irá sozinho, e sim acompanhado de representantes da comunidade (cf. At 20,4).

No final da carta, o apóstolo volta ao estilo familiar com o anúncio de uma futura visita, saudações, recomendações e avisos. Deve-se notar seu apreço a Timóteo (cf. Fl 2,19-22; 1Ts 3,2), seu colaborador mais fiel, e a interessante recomendação que faz dele aos coríntios: "vede que esteja sem preocupação entre vós" (v.10).

A menção "das Igrejas" (no plural) da Ásia, cujas saudações ele lhes transmite, é reflexo da organização dos cristãos de Paulo reunidos em pequenas comunidades domésticas. Uma dessas tem sua sede na casa de Prisca e Áquila, o conhecido casal judeo-cristão que partiu junto com Paulo de Corinto para Éfeso (cf. At 18,2.18.26).

Embora as cartas fossem ditadas a um escriba, o remetente assinava de próprio punho (cf. Cl 4,18; 2Ts 3,17). As últimas palavras de Paulo, o convite para darem-se a paz e a saudação "vem, Senhor" ou maranatha parecem referir-se a um contexto litúrgico de celebração eucarística, em que provavelmente se liam as cartas do apóstolo que pouco a pouco iam se situando no nível das Escrituras sagradas de Israel (cf. 2Pd 3,16). A maldição ou anátema ecoa como aviso a permanecer fiel ao amor de Deus.

A saudação maranatha reflete o sentido de tensão escatológica que tinha a eucaristia naquelas comunidades, nas quais, ao mesmo tempo que se experimentava o Senhor já presente, anunciava-se e se pedia apaixonadamente sua vinda gloriosa e definitiva. De fato, a saudação maranatha transformou-se em uma das maneiras de saudação entre os cristãos (cf. Ap 22,20), completando assim a saudação tradicional judaica de shalom (paz). A carta termina com o mais importante que Paulo quer dizer- lhes: "Eu vos amo a todos vós em Cristo Jesus" (v.24).

INTRODUÇÃO À SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS

A Segunda Carta de Paulo aos Coríntios é dirigida aos mesmos destinatários da primeira carta, e foi escrita, em linhas gerais, dentro do mesmo período de vida do apóstolo.

Trata-se de uma "carta em lágrimas" como muitos exegetas a chamam. Esse título é devido à ideia de que essa carta responde a uma série de problemas surgidos depois do envio da primeira carta.

As consultas e notícias que deram ocasião a essa carta devem ter causado em Paulo momentos de preocupação, porém não estava sem esperança, pois não lhe passava despercebido o testemunho de Cristo que se ia consolidando entre eles (1,5-8).

Depois de Paulo fazer sua apresentação no cabeçalho 1,1-11, na primeira parte, apologética, se defende das acusações de seus adversários, expondo sua doutrina sobre o apostolado 1,24; 7-16; na segunda parte, que tem um aspecto mais prático, trata da coleta para os pobres de Jerusalém (8,9); na terceira parte, também polêmica, ataca os falsos apóstolos judaizantes 10,1; 13,10. A carta termina com um brevíssimo epílogo.

A Segunda Carta aos Coríntios é uma carta de debates e lutas. Paulo bate- se por sua comunidade. Teria a carta alcançado sua finalidade e seu objetivo? Ter-se-ia restabelecido a concórdia entre o Apóstolo e a comunidade?

Nesta carta, Paulo critica com impetuosidade certos missionários a

quem denomina falsos apóstolos e invasores. Era necessária essa peleja dura e exaustiva, não só por causa da verdade do Evangelho, como também em vista da pureza e da ortodoxia da doutrina e da fé (11,4). Muitas vezes essas lutas têm sua origem também em antagonismos e rivalidades pessoais dentro das comunidades.

Porem, está certo de que a verdade triunfa, e que o Apóstolo, depois de ter lutado muito para reconquistar a confiança dos coríntios, conseguiu a conversão sincera. Essa foi uma Igreja que produziu muitos frutos de santidade.

Síntese

1,1-11 Introdução. Ação de graças
1,12-2,13 Missão e Disciplina da Igreja
6,11-7,16 Reconciliação com os coríntios
8,1-9,15 Coleta para a Igreja de Jerusalém
10,1-13,10 Autodefesa do Apóstolo
13,11-13 Recomendações, Saudações

Remetente e destinatário

"Paulo, pela vontade de Deus, apóstolo de Jesus Cristo, e o irmão, Timóteo, à Igreja de Deus em Corinto, com todos os santos de toda a Acaia."

Paulo apresenta-se como o autor da carta, acentuando desde o começo seu objetivo e missão. Não é por sua própria escolha que se apresenta, mas sim como Apóstolo, mensageiro de Cristo.

A seu lado, Paulo cita o seu irmão no ministério, Timóteo, conhecido como seu colaborador nos Atos dos Apóstolos e nas cartas. A carta, entretanto, não é um trabalho conjunto, mas obra exclusiva de Paulo.

A carta é destinada primeiramente à "Igreja de Deus em Corinto".

Saudação

A saudação expressa votos de graça e paz à Igreja, em uma fórmula que, concebida por Paulo, depois passou a ser usada em toda a Igreja.

Estrutura

Poderemos dividir a Segunda Carta aos Coríntios em sete partes:

Consolo e salvação vêm de Deus (1,3-11)

Deus é louvado como Deus e Pai de Jesus Cristo. Deus é o Pai de quem Jesus reconheceu ser o Filho e a quem, em ensinamentos e pregações, proclamou Pai de todos os homens. Deus, Pai das misericórdias.

O Apóstolo e a Igreja vivem na união com Cristo nos sofrimentos e na salvação (1,5-7). Comungando da mesma fé, ninguém está sozinho na aflição, como ninguém participa sozinho da consolação. Tudo se realiza na união com Cristo e com a Igreja (1,5-6). Os sofrimentos dos cristãos fazem parte dos sofrimentos de Cristo.

A consolação de Deus inunda a Igreja. Neste trecho podemos destacar um argumento essencial do ministério apostólico: o Apóstolo é o intermediário entre Deus e a Igreja.

A comunhão com Cristo representa e obtém a união dos cristãos entre si.

Missão e disciplina da Igreja (1,12-2,13)

Paulo discorre sobre algumas questões e dificuldades existentes entre ele e a Igreja de Corinto.

Paulo se permite gloriar-se. Gloriar-se de sua fraqueza, na qual se manifesta o poder de Deus.

Em (2,3-11) encontramos uma referência a uma carta anterior de

Paulo a Corinto. Escreveu uma carta para esclarecer um incidente que o magoara profundamente. É por isso que se costuma chamar essa carta de "carta em lágrimas".

O ministério apostólico (2,14-6,10)

Todo esse trecho é uma vasta interpolação no exame das condições da Igreja de Corinto e, consequentemente, uma longa excursão ao tema primordial do diálogo epistolar com a comunidade.

Paulo começa rendendo graças a Deus pelo seu ministério apostólico (2,14). Por meio dos apóstolos se difunde no mundo o odor do conhecimento de Deus.

Esse cheiro se aceita ou se rejeita, acolhendo ou desprezando a Palavra de Deus. O lugar no qual o cristão deve acolher esta Palavra é no coração, onde está impressa a lei de Deus.

Ele é que nos fez aptos para ser ministros da Nova Aliança, não da letra, e sim do Espírito. Porque a letra mata, mas o Espírito vivifica"(3,6).

Em Cristo, Deus fez surgir o tempo da salvação e nele instituiu a Nova Aliança.

"Se o ministério da condenação já foi glorioso, muito mais o há de sobrepujar em glória o ministério da justificação!" (3,9).

O Antigo e o Novo Testamento confrontam-se ainda como ministérios de "condenação" e "justiça", respectivamente.

Em (4,1-6), Paulo descreve o ministério apostólico como luz de Deus nas trevas do mundo. Realça então, de modo especial, seu interesse em defender em Corinto seu ministério e o desempenho de sua missão contra as suspeitas e os ataques.

Em (5,11-6,2), Paulo retoma a defesa de seu ministério apostólico, tema que constantemente aborda nesta Segunda Carta aos Coríntios, e continua

a desenvolver a teologia do ministério em função da responsabilidade que lhe cabe, de ultimar no mundo e para o mundo a reconciliação com Deus; reconciliação já realizada por Cristo (5,18-20). Paulo apresenta então teses doutrinárias de profundo alcance sobre a obra redentora de Cristo. A reconciliação é um dom que vem de Deus Pai, criador, que por Cristo nos reconciliou consigo (5,18).

Em (6,3-10), Paulo fala da pobreza e riqueza do ministério.

Reconciliação com os coríntios (6,11-7,16)

Paulo, em seu anseio por chegar ao acordo e à concórdia com a Igreja de Corinto, atinge um objetivo nessa parte da carta. O grande amor de seu coração transborda em suas palavras amistosas e comovidas.

O trecho de 7,5 se entrosa na narrativa das viagens do Apóstolo apresentada em 2,13. Lança um olhar retrospectivo sobre o tempo, cheio de preocupações, das discussões com a Igreja de Corinto. A solução do impasse e o afastamento das preocupações se revelam na linguagem quase

Os capítulos 8 e 9 tratam de um tema único: a organização de uma coleta em Corinto em favor da Igreja na Palestina.

Antes de apelar para que os coríntios realizem a coleta em benefício da Igreja de Jerusalém, Paulo comunica que a coleta na Macedônia teve um rendimento extraordinário.

Estimulado pelo êxito da coleta na Macedônia, Paulo encarregou Tito de ultimar a mesma obra já por ele iniciada em Corinto.

Ajustamento de contas com os adversários em Corinto (10-11)

Os capítulos são geralmente interpretados como uma parte especial da Segunda Carta aos Coríntios.

Paulo fala de si próprio (10,1-11): no primeiro trecho da grande

apologia, Paulo se defende.

Em (10,12-18): depois de ter rejeitado as censuras de seus oponentes, Paulo apresenta graves acusações contra eles e não os poupa.

A vanglória de Paulo (11,1-12,13): em vista da ufania tola de seus oponentes, Paulo diz ser admissível e racional somente o gloriar-se no Senhor (10,18).

"Creio, porém, que em nada sou inferior a esses superapóstolos."

Comunicações e exortações finais (12,14-13,10)

Encerrando a carta, Paulo anuncia uma nova visita, a terceira (12,14-13,1), e aproveita a ocasião para acrescentar exortações:

"Eis que estou pronto a ir ter convosco pela terceira vez. Não vos serei oneroso, porque não busco os vossos bens, mas sim a vós mesmos". (12,14)

"Temo que, quando for, não vos ache quais eu quisera, e que vós me acheis qual não quereríeis. Receio encontrar entre vós contendas, invejas, rixas, dissenções, calúnias, murmurações, arrogâncias e desordens". (12,20)

Também a carta foi escrita pelo Apóstolo objetivando esta finalidade: a edificação da Igreja. Ele espera, por meio dela, eximir-se da necessidade de proceder com rigor por ocasião de sua visita a Corinto.

Fecho da carta (13,11-13)

Saudações e votos

A saudação de encerramento contém palavras e expressões próprias do estilo comum de remate de cartas, mas, no todo como em cada uma de suas partes, ela se relaciona com as condições especiais de Corinto.

"Saudai-vos uns aos outros no ósculo santo. Todos os santos nos saudam" (13,12).

ESTUDO DA SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS

Saudação. Começa a carta com a introdução costumeira que inclui: os remetentes com nome e título, os destinatários e a saudação. Como é habitual, Paulo apresenta-se com o título de "apóstolo". Nesta ocasião, contudo, não se trata de uma apresentação convencional, e sim da reivindicação de um título que lhe corresponde por vontade de Deus e por chamado de Cristo Jesus. Toda a carta tratará de seu apostolado e da defesa de sua missão apostólica, atacada e posta em dúvida por aqueles a quem ele chama de "falsos doutores" e que pululavam, pelo que se vê, na Igreja de Corinto.

Como é frequente em suas cartas, Paulo apresenta seus colaboradores, nesse caso Timóteo, um de seus mais fiéis companheiros. Os destinatários não são somente os coríntios, e sim também algumas comunidades dispersas pela província da Acaia entre as quais certamente seu apostolado estava também sendo questionado. A todos chama de "santos" de Deus (v.1), participantes de sua santidade como povo escolhido (cf. Ex 19,6). "Graça", saudação grega, e "paz", saudação hebraica, transferem-se unidas para o contexto cristão (cf. Rm 1,7), como dons definitivos que nos dá Deus, nosso Pai, e o Senhor Jesus Cristo.

Consolo na tribulação (2Cor 1). Terminadas as saudações, não se encontra a habitual "ação de graças" que encontramos em outras cartas (cf. 1Ts 1,2s; 1Cor 1,4; Rm 1,8) e que serve tanto para marcar

seu objetivo como para louvar algum aspecto positivo das comunidades cristãs e assim captar sua benevolência. Aqui aparece, em troca, um hino de louvor ou oração de bênção solene, quase litúrgica, que nos introduz em cheio no contexto da mesma carta: o sofrimento apostólico de Paulo e a consolação que provém do "Pai das misericórdias, Deus de toda a consolação" (v.3). Os termos "tribulação", "sofrimento" e "consolo" são constantes.

A que tribulação e sofrimento está Paulo aludindo? Sem dúvida, à produzida por suas relações tormentosas com a mesma comunidade de Corinto que tanto afetaram o apóstolo e talvez, mais concretamente, a uma situação desesperadora, um momento de perigo de vida ou morte.

De tudo isso, oferece seu testemunho pessoal aos coríntios, um testemunho que o apóstolo transforma em mensagem evangélica. Os sofrimentos de Cristo são a chave de interpretação de todo sofrimento humano, o de Paulo, o dos coríntios, os nossos. Condividir solidariamente a cruz de Cristo nos levará também a condividir sua ressurreição, uma vitória que já experimentamos aqui e agora nesse consolo que supera o sentimento e que é a força que faz se endireitar aquele que está a ponto de se dobrar. Além do vínculo do sofrimento, o apóstolo menciona outro vínculo que o une aos coríntios: a oração por aquele que sofre ou está em perigo, e a ação de graças por sua libertação. Os sofrimentos de Paulo, tanto os pessoais como os ocasionados pela comunidade de Corinto, parecem ter passado por enquanto. É o momento da ação de graças.

Mudança de planos (2Cor 22). Paulo passa a desfazer um mal-entendido ou a anular uma censura que, ao que parece, lhe fizeram. Com efeito, o itinerário projetado incluía uma segunda e uma terceira visitas a Corinto. A segunda, talvez para resolver pessoalmente os problemas locais (cf. 13,1s). Em vez de visitá-los, escreveu-lhes uma

carta, e os coríntios queixam-se dessa mudança de planos: Paulo promete e não cumpre, é o que parecem dizer. Em definitivo, estão colocando em dúvida sua credibilidade apostólica.

Paulo defende-se da maneira como unicamente ele sabe fazê-lo, apelando ao testemunho de Cristo Jesus, que é quem dirige todos os seus passos e ilumina suas decisões: "Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim", afirmará em Gl 2,20. Isto é, não foi a prudência humana a norma de sua conduta com a comunidade e sim a "santidade e a sinceridade diante de Deus" (v.12) e que são as características fundamentais de seu ministério apostólico. Aceita o fato de que, por enquanto, os coríntios compreendam só em parte sua atitude, por isso apela "para o dia do Senhor", quando a compreensão mútua entre ele e sua comunidade será total e "tendes em parte reconhecido que nós somos a vossa glória, exatamente como vós sereis a nossa" (v.14). O "dia do Senhor" ou o horizonte futuro da vitória total de Jesus Cristo está sempre presente, atuando e dando sentido à vida e o ministério do apóstolo até em seus mínimos detalhes.

Paulo lhes diz que ele não brinca com a comunidade dizendo agora sim e depois não. O exemplo de sua conduta é Cristo Jesus, "que nós, Silvano, Timóteo e eu, vos temos anunciado" (v.19). Em Cristo Deus cumpre todas suas promessas, pelo qual ele é o "sim" puro e total; e Paulo o reconhece com seu "amém", que é a expressão do dom da fé (cf. Ap 3,14). Termina dizendo que o Espírito posto por Deus em nossos corações é o "selo", o "penhor" (cf. Ef 1,13; Jr 32,10s) do dom futuro e definitivo.

Motivos da mudança de planos (2Cor 2,4). Paulo justifica a mudança de planos e o cancelamento da visita. Pela situação em Corinto, deveria ter-se apresentado e atuado com grande severidade, causando profunda

tristeza e provocando, talvez, um clima de tensão excessiva, quando o que estava faltando era alegria compartilhada. Por isso preferiu afligir por carta, curar à distância. Ao apóstolo, custou-lhe muito escrever esta carta severa, de grande dureza - angústias, ansiedade, lágrimas - porque ama os coríntios. Trata-se com toda probabilidade da carta que se conserva fragmentariamente nos capítulos 10-13. Não esqueçamos que o apóstolo escreveu várias cartas à comunidade, das quais só sabemos mediante os fragmentos que o recopilador intercalou nesta que conhecemos como Segunda Carta aos Coríntios. A próxima visita será tranquila e alegre, diz Paulo. A alegria tem de ser sentimento compartilhado. O apóstolo reflete essa situação em sua forma de expressar-se: a palavra "afligir", "aflição", repete-se oito vezes, em contraste sempre com o "consolo".

Esses problemas concretos com os coríntios oferecem a Paulo a oportunidade de ir assinalando as características de todo o ministério apostólico ou liderança cristã, tão válidos para aquele tempo como para agora. Falou antes da simplicidade e da sinceridade que fazem do líder cristão uma pessoa honesta e transparente. Firmou-se na alegria que leva consigo o anúncio do evangelho e que é consequência da fé. Sem alegria e júbilo não existe evangelho (cf. Rm 14,17; Fl 4,4). Falou do amor, da compreensão e do perdão, que não estão corrigidos com a denúncia valente e genuína. Finalmente, diz que não quer ser o dono da fé dos coríntios, e sim um pastor atento. "Ser dono" vem da raiz de "senhor". E como o único Senhor é Jesus Cristo, ninguém pode nem deve se sentir dono dos outros cristãos (cf. 1Pd 5,3).

Perdão para o ofensor (2Cor 2,5-13). Ainda que pareça um só o ofendido, ofensa, castigo saudável e perdão têm alcance comunitário. Alguém influente em Corinto havia agitado outros contra Paulo, e todos deveriam sentir-se ofendidos. Na assembleia comunitária e movida pela

carta severa do apóstolo, a maioria impôs um castigo ao culpado, talvez a exclusão temporária da comunidade. A pessoa em questão arrependeu-se e sofre profundamente; é hora de levantar o castigo para que não acabe com ele; é hora de reconciliá-lo com carinho.

Paulo, que com sua carta quis colocar à prova os coríntios, agora parece satisfeito; e mais, sente-se como se não o tivessem ofendido (cf. Cl 3,13). Pede, pois, que se reúna novamente a assembleia para formalizar o perdão, contando com seu voto positivo que vai com a carta, e que Cristo inspire a decisão. Do contrário, Satanás se aproveitará para atiçar as discórdias e minar a comunidade.

O portador dessa carta foi Tito. Devido ao seu amor pelos coríntios, é normal que Paulo não descansasse até ver de volta seu querido companheiro e conhecer assim a reação da comunidade. Mais adiante, em 7,6, nos contará seu encontro com Tito e a imensa alegria que lhe proporcionaram as boas notícias de Corinto que seu companheiro e colaborador lhe trazia. Enquanto Tito estava em viagem, Paulo teve também de sair de Éfeso - expulso? Embora aqui não se mencione, parece que nesses dias teve lugar a fundação de uma comunidade cristã em Trôade. Em At 20,6-12 narra-se uma reunião eucarística de despedida de Paulo nessa cidade da costa asiática do mar Egeu.

Em continuação, o relato da viagem do apóstolo, apenas iniciado - continuará em 7,5 -, interrompe-se para dar passagem a uma sessão da carta dedicada ao ministério apostólico.

Prisioneiro do triunfo de Cristo (2Cor 2,14-17). Inicia-se uma sessão de teologia/apologia de seu ministério apostólico. Paulo começa com uma ação de graças a Deus por ter sido associado ao cortejo triunfal de Cristo.

A imagem tem um sentido polêmico contra "os muitos", não nomeados,

que trataram de enganar os coríntios com espetáculos triunfalistas de milagres, êxtases e visões. É de notar que, na imagem do cortejo, Paulo não está como vencedor, e sim como prisioneiro, humilhado e fracassado, tal qual corresponde a um verdadeiro apóstolo que antes de participar do definitivo triunfo de Cristo tem de levar a cruz que seu Senhor carregou. O Evangelho, proclamado a partir dessa experiência de pobreza e de contradição, transforma-se em aroma de Cristo. E mais, a própria pessoa do apóstolo é esse aroma.

É normal que o Evangelho proclamado a partir da pobreza e da contradição seja difícil de ser aceito. Assim foi sempre. Paulo exprime essa realidade forçando a metáfora do "perfume" ao dizer que para uns se transforma em odor de vida e para outros em odor de morte (v.16). A consequência não se deixa esperar. Se o anúncio do Evangelho é questão de vida ou morte, que tipo de credenciais farão digna de crédito a autenticidade do apóstolo? Quem é digno dela? (v.16). Só os que, como ele, "falamos com sinceridade, como enviados de Deus, e como membros de Cristo" (v.17).

Os coríntios, carta de recomendação de Paulo (2Cor 3,1-3). Toda a seguinte reflexão tem um sabor polêmico. Ao que parece, alguns pregadores apresentaram-se em Corinto com cartas de recomendação - talvez das autoridades de Jerusalém ou de Antioquia -, coisa costumeira tanto na vida cidadã como na vida cristã (cf. At 18,27; Rm 16,1s; 1Cor 4,10). É provável que os opositores do apóstolo exibissem esses documentos como garantia de legitimidade e cobertura de suas charlatanices. Paulo pergunta retoricamente aos coríntios se ele tem necessidade de recomendações. Responde com uma imagem belíssima e audaciosa: eles mesmos, os coríntios, são sua carta de recomendação de Cristo. Combinando e opondo duas citações do Antigo Testamento, o "decálogo" gravado em

tábuas de pedra (cf. Ex 24,12) e a lei impressa no coração (cf. Jr 31,33; Ez 11,19), afirma que o próprio Cristo é o autor dessa carta viva, "escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus.

O ministério da Nova Aliança (2Cor 3,4-18). Baseando-se nesta imagem tão sugestiva, Paulo propõe uma reflexão sobre seu ministério apostólico comparado com o de Moisés. Toma as tradições - ou lendas - de Ex 33,7-11 e 34,29-35 e, jogando os símbolos ali narrados - letra, tinta, lei escrita, pedras, mediação de Moisés, glória, véu -, tece a contraposição entre ambos os mistérios em termos audaciosos e extremos. Paulo não faz uma interpretação literal do AT, mas se entrega a uma reflexão original e livre que na tradição judaica era conhecida como estilo "midráxico".

O contexto dessas reflexões continua sendo polêmico. Aparentemente Paulo dirige todo o seu veneno não contra a lei de Moisés como tal, mas sim contra a pregação daqueles falsos apóstolos, alguns deles provavelmente judeo-cristãos, que não se haviam desligado ainda da mentalidade da "lei antiga" - na realidade manipulavam Moisés - e do prestígio e da "glória" com que revestiam sua atividade missionária. Em outras palavras, não haviam compreendido a "novidade do evangelho" e, portanto, negociavam com a Palavra, a destorciam e calavam sua mensagem.

O ministério do apóstolo é tão absolutamente novo e tudo o mais tão relativo, que não duvida em chamar tudo o que lhe antecedeu - o ministério de Moisés e, sobretudo, o dos supostos missionários que pretendem imitar Moisés - "ministério da morte" (v.7). O contraste tem sua força ao ressaltar com a comparação "vida-morte" a irrupção da "vida" do Espírito no coração dos coríntios que cria uma nova comunidade à qual o apóstolo não duvida em chamar "nova aliança" (cf. Jr 31,31-34; Lc 22,20). Ao longo de todo o seu escrito o apóstolo descreve essa Nova Aliança em posição absoluta à anterior. É uma Aliança do Espírito, não

de pura letra; da vida, enquanto que a letra mata. Seu ministério é de absolvição, não de condenação; permanente, não transitório; de esplendor incomparável perante o já opaco; de transparência e franqueza diante do escondimento.

Paulo volta novamente à polêmica falando do "véu", mas não do de Moisés, e sim daquele que põe seus adversários diante dos próprios olhos e os impede de compreender o que leem - ver o final de At 28,27 -, isto é, que todas as Escrituras estão cheias da presença do Senhor que agora se manifestou. Paulo não perde, todavia, a esperança. Quando se converterem, "voltarão" ao Senhor, o véu será removido, compreenderão as Escrituras e alcançarão a liberdade (Rm 9-11), pois "onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade" (v.17). O apóstolo alude no fim à grande transformação que a ressurreição de Jesus, através de seu Espírito, vai operando na comunidade dos fiéis, que não é outra senão a progressiva semelhança ao próprio Cristo.

Pregação sincera (2Cor 6). Paulo reivindica seu ministério respondendo às acusações de seus inimigos. Diz que o ministério é puro dom e por isso impõe responsabilidade (cf. 1Tm 2,5). À franqueza e sinceridade responsável que antes mencionou opõem-se duas táticas: ocultar com vergonha e deformar por astúcia.

Paulo, que apelava antes ao julgamento de sua própria consciência, submete-se agora ao julgamento da consciência dos outros (1,12), mas "na presença de Deus", isto é, pedindo honestidade nos raciocínios. Nem a cobiça, nem a adulação, nem a hipocrisia ou a adulteração da palavra - de tudo isso o acusavam - fazem parte do seu procedimento como apóstolo. Talvez se pudesse objetar: se a mensagem é tão valiosa e o que a transmite é tão sincero, como se explica que tantos a recusem, não só judeus, mas também pagãos? Responde: a mensagem não está encoberta,

mas muitos se negam a acreditar voluntariamente (cf. Is 6,9; 56,10); são aqueles "incrédulos, cujas inteligências o deus desse mundo obcecou a tal ponto que não percebem a luz do Evangelho, onde resplandece a glória de Cristo" (v.4).

Paulo continua sua defesa afirmando que ele não se anuncia a si mesmo, e sim anuncia Cristo, e seu ministério é de serviço levado à realização na humildade, na pobreza e no sofrimento. É um ministério sem brilho nem prestígio humanos. Não obstante, é precisamente nessa obscuridade que aparece e se experimenta a glória de Deus que resplandece no rosto de Jesus (cf. Is 9,1). O apóstolo está recordando seu caminho de Damasco, quando a luz de Cristo brilhou nas trevas de sua cegueira? Está defendendo seu compromisso evangelizador levado à realização na escuridão da humildade e da pobreza em que brilha a luz de Cristo? Esse é o ministério que Paulo defende contra seus detratores.

Confiança em Deus (2Cor 15). Estamos chegando à parte central da carta. Até aqui, Paulo se defendeu dos pregadores adversários. Agora vai expor seu "ideal" da missão de um apóstolo de Cristo. Fala com o coração na mão, curtido por longos anos de experiência missionária. Começa com a imagem bíblica dos "vasos de barro" que recordam a criação do homem e da mulher do barro da terra (cf. Gn 2,7; Sl 102,14); também pode aludir a Jeremias na oficina do oleiro (cf. Jr 18,1-17). A "força de Deus" rebaixa a capacidade do vaso e transborda demonstrando sua ação. O importante é o que a vasilha "contém", não o recipiente em si.

O conteúdo é o tesouro. Paulo é esse vaso de barro: pura fragilidade humana, tornada mais aguda pelas circunstâncias do seu apostolado. O apóstolo nunca ocultou em suas cartas seus sofrimentos e aflições (cf. 11,23b-29; 12,10; Rm 8,35). Aqui, todavia, une sofrimentos a triunfos em uma lista de antíteses que vai vincular ao paradoxo entre a morte e

a vida de Jesus. Não cede ao temor de se ver esmagado (cf. Ez 2,6) nem pede o milagre de se ver livre de dificuldades (cf. Jr 45): seria negar uma parte essencial do mistério pascal de Jesus, sua cruz.

Paulo está convencido de que "um crucificado" é o mensageiro mais adequado do Crucificado. Mas assim como a morte de Cristo acabou se transformando em vida para ele e para todos, os sofrimentos do apóstolo são fontes de vida para a comunidade: morte em nós e em vós a vida (v.12). Com essa esperança, o apóstolo salienta feliz e confiantemente suas infelicidades, fazendo seu um versículo do Sl 115,10: "Eu cri, por isso falei" (v.13), para terminar afirmando que "aquele que ressuscitou o Senhor Jesus, nos ressuscitará também a nós com Jesus e nos fará comparecer diante dele convosco" (v.14).

Esperança da glória (2Cor 5,10). Paulo sente-se submetido a um movimento duplo e oposto: de decadência física e mesmo mental, por um lado, e de crescimento diário espiritual, por outro. É como se atuassem nele duas forças contrárias, uma de "corrupção" e outra de "renovação". Uma afetando o homem exterior e visível, a outra afetando o interior ou invisível. O apóstolo não se acovarda nem desanima, e sim exatamente o contrário, pois não existe proporção entre a corrupção e a renovação, visto que a tribulação presente produz uma carga incalculável de glória perpétua (4,17s). Paulo aplica essa desproporção entre sofrimento e glória esperada a todo cristão em Rm 8,18.

Continua no capítulo 5 com a comparação entre os bens futuros e os bens presentes. Recordando a vida em "tendas de campanha" dos israelitas durante sua travessia do deserto, aplica a imagem a nosso corpo mortal que é como uma "tenda" que se monta e se desmonta (cf. Is 38,12; Jó 4,19-21), em contraste com as casas "permanentes" que se encontram na terra prometida (cf. Dt 6,11; Js 24,13), construídas por Deus, em alusão

à ressurreição. A vida do cristão neste mundo transcorre nessa tensão escatológica entre o provisório que experimentamos e o permanente que nos aguarda. Essa situação produz no apóstolo um anseio apaixonado por estar e viver com Cristo definitivamente. À imagem da morada definitiva com a qual já veio jogando, o apóstolo superpõe outra imagem bíblica, a de se vestir e se revestir, para nos dar uma frase densa, plena de conteúdo simbólico: "Suspiramos e anelamos ser sobrevestidos da nossa habitação celeste" (v.2). Os hebreus consideravam afrontosa a nudez, recordação permanente do pecado (cf. Gn 9,18-24). A pessoa justa, ao contrário, está vestida de roupas de salvação e do manto da justiça (cf. Is 61,10). Tomando a imagem e referindo-se ao cristão, Paulo dirá que tem de estar revestido com a armadura luminosa (Rm 13,12), com a couraça da fé e do amor (1Ts 5,8) e da justiça (Ef 6,14). Ou seja, revestidos de Cristo.

Viver em "tendas" é para o apóstolo um "não viver", um desterro que atravessamos agarrados à fé, mas entusiasmados e esperançosos como deseja e espera o orante iluminado (Sl 64,5; 83,2s). No final, não obstante, o apóstolo mergulha de novo na realidade cotidiana de seu ministério. O importante, quer vivendo em "tendas" quer vivendo na "habitação definitiva", é agradar ao Senhor, fazer sua vontade tal e qual ele, Paulo, tenta fazer em sua vida missionária da qual deverá prestar contas no final da jornada.

O critério da fé (2Cor 16). Paulo continua defendendo seu ministério perante ataques e reticências. Pode-se ler entre linhas o que seus inimigos lhe atribuíam, ser um visionário e um exaltado. Pretendiam arruinar assim sua autoridade como apóstolo? A linha de defesa de Paulo é o respeito devido ao Senhor (v.11), que o faz estar sempre como nu diante de sua presença. Daí a sinceridade e a franqueza com que sempre procedeu em seu ministério. Espera que os coríntios reconheçam também essa

transparência de sua atuação. E mais, pelo que vale e pelo que manifesta com sinceridade e modéstia, os coríntios podem estar orgulhosos de seu apostolado e enfrentar os que aparentam sem ter substância. É preciso entender essa frase em seu contexto polêmico. Havia gente em Corinto que negava os méritos de Paulo para afirmar seu próprio valor e autoridade. À luz de 11,19-22, talvez se pudesse dizer que se trata de líderes cristãos judaizantes que se orgulhavam de algo externo como a circuncisão. Diante deles, o que devem fazer os coríntios? Cerrar fileiras e afirmar o valor e a autoridade de seu apóstolo. Quanto ao mais, Paulo em tudo procede com respeito a Deus e amor a Cristo; um amor que corresponde ao amor sacrificado do Senhor. Viver para Cristo é viver sem egoísmo o amor aos irmãos e às irmãs (cf. Gl 5,13-15; Rm 14,15). Para o apóstolo isso é amar e compreender Cristo, superando critérios puramente humanos. Em sua primeira época, Saulo julgava Jesus com critérios inadequados e o perseguia, até que se lhe revelou no caminho de Damasco. Desde aquele momento, Paulo começou a compreender de outra maneira. Esta nova maneira de julgar é que ele quer que usem os coríntios, não somente com ele mesmo, e sim com todos, sem exceção.

A mensagem da reconciliação (2Cor 21). Chegamos à parte exortatória desta seção da carta. Paulo defendeu a autenticidade de sua missão entre os coríntios contra os oportunistas e falsos apóstolos que a estavam minando com críticas e difamações. O apóstolo deseja a reconciliação, e não somente a título particular, mas também como mediador da fé de sua querida comunidade. Isto é, o que está verdadeiramente em jogo não são suas relações estritamente pessoais com os coríntios, mas a compreensão e aceitação por parte destes do Evangelho que lhes anunciou.

O assunto é grave, afeta nada menos que a salvação da comunidade.

Como poderão reconciliar-se com Deus sem que essa reconciliação passe pela reconciliação com o enviado e embaixador de Cristo, cujo serviço é justamente o "ministério da reconciliação"? A lógica de Paulo é arrasadora. O apóstolo começa assinalando a consequência fundamental para o cristão da morte e ressurreição de Cristo: a criação de uma nova humanidade integrada por criaturas novas (cf. Sl 50,12).

O ser humano, por si mesmo, é incapaz de reconciliar-se com Deus. É Deus, em seu grande amor, quem decide fazê-lo, e o faz por meio de Cristo que carrega as culpas alheias (cf. Is 53,12). O ser humano simplesmente se deixa reconciliar, responde à oferta, removendo obstáculos e aceitando. Para explicar como se realiza essa reconciliação, o apóstolo usa uma dessas frases em que apura a expressão até os limites da linguagem. Diz literalmente em grego: "Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que (...) nos tornássemos justiça de Deus" (v.21). Pesa, mede e calcula cada palavra (cf. Rm 8,3).

Na realidade, com essa frase Paulo não explica nada, nem quer fazer teologia nenhuma sobre a redenção. Como se pode explicar o inexplicável? O apóstolo só procura escrever essas expressões torturadas - em Gl 3,13 dirá que Cristo se fez por nós "maldição" - seu assombro diante da loucura do amor infinito e incondicional de Deus por todos nós, manifestado na morte e na cruz de seu Filho Jesus. Paulo o experimentou em Damasco e quer transmitir sua experiência aos coríntios.

O ministério apostólico (2Cor 6,1-13). Paulo volta a interpelar sua querida comunidade para que se converta, e o faz como colaborador de Deus neste ministério de reconciliação. Não fala de maneira abstrata, o contexto de sua nova exortação é sempre o mesmo: se os coríntios o rejeitam como apóstolo, estão rejeitando não só sua pessoa, mas também o Evangelho que ele anuncia. Daí a insistência teimosa do apóstolo em

defender sua conduta missionária.

É impressionante a importância que Paulo dá a que o "mensageiro" se identifique com a "mensagem". Não faz senão imitar seu Senhor, a "testemunha fiel" (Ap 1,5), cuja própria pessoa era "o Evangelho". Assim, pois, mais que autodefesa de seu ministério, Paulo nos vai dar nestes versículos o retrato do que deve ser um servidor do Evangelho, ou melhor ainda, vai nos mostrar o Evangelho em ação.

Se o Evangelho de Paulo é Cristo e Cristo crucificado, o mensageiro e ministro do Evangelho não pode ser senão um "crucificado" também. Assim é que Deus capacita e torna digno de crédito seu ministro. Eis o que os coríntios não conseguiam compreender, e isso é o que quer fazê-los entender com a longa alusão às suas tribulações, tristezas, aflições, cárceres, pobreza etc. Paradoxalmente, esse caminho da cruz é a marcha triunfal de uma pessoa que também está participando já do poder da ressurreição. Por isso está viva e alegre, enriquece a todos com sua pobreza, possui tudo em sua necessidade, tem um coração amplo e dilatado onde cabem todos e todas.

Paulo termina dirigindo-se a seus queridos coríntios com um comovente pedido: que abram um espaço em seu coração para ele, Paulo, e para o Evangelho que lhes anuncia.

Templo de Deus (2Cor 6,14-7,1). Aqui Paulo interrompe bruscamente o fio de seu discurso. Se esta Segunda Carta aos Coríntios é a recopilação posterior de várias cartas hoje perdidas, esta passagem parece corresponder à chamada "carta prévia" (cf. 1Cor 5,9), na qual Paulo, pouco tempo depois de ter fundado a comunidade de Corinto, é bastante rigoroso em seus conselhos. Se os cristãos recém-convertidos permanecem em estreito contato com os pagãos, correm o perigo de recair eles próprios no paganismo.

Paulo, pois, exorta-os, breve, porém veementemente, a afastar-se, separar- se e diferenciar-se do mundo pagão no qual vivem, como os hebreus no Egito ou em Babilônia. A situação dos novos cristãos em Corinto explica esta preocupação e o tom categórico, extremo, das recomendações. A incompatibilidade entre Cristo e os ídolos aparece com a mesma energia que em 1Cor 10,20s. De todo o fluxo de perguntas retóricas surge a grande afirmação da comunidade como templo de Deus (cf. 1Cor 3,16; 6,19).

Reação dos coríntios e de Paulo (2Cor 7,2-16). Os versículos 2-4 retomam o fio de 6,13 e parecem ser o final de sua defesa. Paulo, em uma última exortação cheia de ternura e de emoção, manifesta aos coríntios o lugar que eles ocupam em seu coração e pede que lhe deem lugar também no deles. Como podem, pois, prestar atenção às acusações que lhe fazem, prejudicando e arruinando a comunidade? Se por acaso sua defesa foi demasiado forte e incisiva, o apóstolo lhes assegura que sua intenção não é acusar ou condenar. Tem a confiança de que sua defesa surtirá efeito e assim o expressa, antecipando a alegria e o júbilo de uma reconciliação que deseja e está certo que se produzirá.

Os versículos 5-16 parecem ligar-se diretamente ao fio interrompido em 2,13 no qual ia contando familiarmente aos coríntios suas tribulações; uma delas é o sofrimento por Tito, pois o enviou a Corinto para uma missão difícil e ele demora a regressar. Daí que o versículo 5 comece pelos "temores" que lhe produziam tal situação. O suspirado encontro aconteceu, por fim, na Macedônia, provavelmente em Filipos. Foi um momento muito alegre para o apóstolo não só por voltar a ver Tito, mas sobretudo pelas boas notícias que esse lhe trazia. Com sua boa direção fez entrar na razão os coríntios e os recuperou para Paulo. O "afeto" pelo apóstolo é a nova atitude da comunidade. A "dor" é pelas

desavenças passadas. Paulo não se envergonha de colocar seu coração a descoberto e manifestar quanto necessitava no meio de suas tribulações do afeto recuperado de sua comunidade. Suas palavras finais aludem à alegria pela confiança mútua restabelecida.

A coleta para Jerusalém (2Cor 8,1-8). "Coleta", em nossa linguagem de hoje, não vai além de uma esmola ocasional e certa que não implica necessariamente a solidariedade radical com os pobres, tão estreitamente ligada ao Evangelho de Cristo. Por isso, a palavra "coleta" não traduz em toda sua dimensão esse serviço aos pobres do qual vai Paulo falar, e que faz parte da mensagem da carta. O apóstolo começa chamando "graça" a esse serviço aos pobres. Poder dar e dar generosamente é "graça de Deus". Deus é o grande "doador", que dá aos homens e às mulheres o exemplo de dar e o que dar (cf. Sl 135,25; 144,16).

A Macedônia foi a primeira área europeia missionada por Paulo; ali se encontravam os primeiros enclaves cristãos aos quais Paulo apresenta como exemplo. Embora algumas cidades da Macedônia fossem ricas, assim não eram os cristãos e as cristãs. Eram pobres de meios, mas ricos em generosidade (cf. Lc 21,1-4). E além do mais, uma generosidade que toma a iniciativa, pede, insiste, considera um favor poder contribuir (cf. At 11,29).

Também com suas pessoas, que é o tipo mais valioso de ajuda. O serviço ao pobre necessitado coincide com o serviço a Deus. Depois dessa espécie de introdução sobre a solidariedade, Paulo entra no assunto da coleta dos coríntios que certamente foi interrompida pelas desavenças entre a comunidade e o apóstolo. Quem melhor, pois, que Tito para servir novamente de intermediário? Com tato e diplomacia, o apóstolo apresenta seu mandato como a oferta de um benefício. Às qualidades já reconhecidas e demonstradas da comunidade - fé, eloquência, conhecimento, fervor

-, por que não tornar patente e efetiva a qualidade mais importante, que certamente também têm: a abundância de sua generosidade?

O exemplo de Cristo pobre (2Cor 8,9-24). Paulo continua com uma série de argumentos que estariam na base de todo serviço da comunidade cristã aos pobres ou da "opção pelos pobres", como diríamos hoje. O primeiro é o exemplo de Cristo, sua generosidade que funda e dá sentido à caridade e solidariedade cristãs: "Sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer por sua pobreza" (v.9). Não seria fazer justiça ao argumento de Paulo se nos fixássemos "somente" no "empobrecimento existencial" de Cristo, que sendo Deus assumiu a "pobre" condição humana.

Com toda probabilidade, o apóstolo está insistindo aqui em que essa pobreza "existencial" de Cristo se manifestou também na pobreza "econômica e social" com que Jesus de Nazaré se identificou e se solidarizou com os marginalizados e economicamente pobres (cf. Fl 2,5-11). Daí que a "riqueza" que nos traz a "pobreza" assumida e voluntária do Senhor, argumenta Paulo, deva ser não só "riqueza espiritual" e sim também eliminação da pobreza econômica pela solidária redistribuição de bens. Mais adiante, e sob outro ângulo, o apóstolo insiste no mesmo: na consecução da igualdade, a eliminação da pobreza. Nos Atos dos Apóstolos se diz que não havia indigentes entre eles (At 4,34). Está Paulo propondo a mesma "utopia"? Sem dúvida alguma. É uma utopia cristã que vai se realizando por meio de fatos concretos, como este da contribuição econômica dos coríntios.

Insistência na coleta (2Cor 9,1-15). O que prossegue, se não é o fragmento de outra carta sobre o mesmo assunto, recolhida aqui por tratar do mesmo tema, equivale a uma insistência moderada pela discrição.

Por meio de citações do AT nos expõe algo assim como a grande

"lição do dar". Deus é o "doador" por excelência; dá o bom desejo (cf. Ex 35,29; 36,3-7) e os meios com os quais dar. A terra é o dom primeiro de Deus. Aquele que possui dá ao necessitado (cf. Dt 15,1-11; Sl 111; Eclo 14,3-6). Uns e outros dão graças a Deus.

Ainda que aparentemente seja um assunto econômico, compartilhar os bens tem para o apóstolo uma dimensão religiosa fundamental; por isso emprega os vocábulos favoritos que costuma usar para descrever a autêntica comunidade cristã. Fala de serviço, *diakonia*; de solidariedade/comunhão, *koinonia*; de graça ou dom, *charis*. No pensamento de Paulo, essa "comunhão" vai se realizar de um modo concreto entre suas Igrejas da diáspora - entre elas a de Corinto - as quais prestarão esse serviço de solidariedade, e a Igreja-mãe de Jerusalém, que dará glória a Deus pelos serviços recebidos. Ambas as atitudes, dom e glória a Deus, constituem, para o apóstolo, confissão humilde do Evangelho (v.13). Assim se constrói a comunidade cristã.

Defesa polêmica de Paulo (2Cor 10,1-11). A mudança brusca de tema e de tonalidade a respeito dos capítulos precedentes leva não poucos especialistas a pensar que se trata de um fragmento de outra carta, talvez escrita antes de 7,5-16 e antes dos capítulos 8s. Se assim não fosse, como explicar logicamente que nos capítulos 8s Paulo espere a contribuição econômica da comunidade em um contexto de reconciliação e harmonia e no bloco seguinte (vv.10-13) se lance à defesa de seu apostolado descarregando contra seus inimigos ataques tão veementes? Deixemos a questão para os estudiosos.

Seja lá como for, esses capítulos finais da carta nos presenteiam com a rica e apaixonante humanidade de um Paulo que sabe que é agressivo e desafiador, irônico e sincero como ninguém. A questão era de vital importância porque estava em jogo a legitimidade da sua missão ou, o

que é o mesmo, a legitimidade do Evangelho que havia anunciado aos coríntios e que estava em perigo diante dos ataques de alguns forasteiros.

É um texto apaixonado que flui sem aparente arquitetura. A cólera do apóstolo se derrama em frases irônicas, inclusive sarcásticas. Lança ataques frontais, finge representar teatro para falar de si mais livremente. Como sempre, mescla princípios doutrinais. Na transparência de sua apologia podemos vislumbrar as atitudes e os ataques de seus rivais aos quais o apóstolo não duvida chamar de "superapóstolos", "falsos apóstolos", "ministros de Satanás", "loucos" e outros apelativos desse estilo. As acusações concentram-se em sua pessoa e no procedimento de seu ministério. Que espécie de apóstolo poderia ser um pobre homem sem recomendações nem prestígio, que nem mesmo havia conhecido pessoalmente o Senhor, fisicamente decaído, sem eloquência nem sabedoria, que se empenhava em trabalhar com suas mãos para seu sustento sem aceitar a ajuda da comunidade, "forte" com os coríntios "à distância e por carta", mas fraco, covarde e sem energia no enfrentar face a face? Dito em outras palavras: que se podia esperar de um pobre diabo com tais credenciais?

Paulo se defende apresentando a "mansidão e bondade de Cristo" (v.1) como sua inspiração, seu modelo (cf. Fl 2,6-8) e suas armas de combate. Já antes se referiu à missão do apóstolo como à luta de um soldado de Cristo (6,7) cujas armas, diz agora, têm um poder que vem de Deus e está destinado a destruir baluartes e torreões que se revoltam contra o reconhecimento de Deus. O apóstolo alude claramente à Palavra de Deus que ele anuncia na humildade e na pobreza, diante dos sofismas, da prepotência e dos falsos raciocínios com que os falsos apóstolos entendem desviar os coríntios do Evangelho que eles aceitaram. A paz da comunidade será restabelecida. Toda sabedoria humana que se oponha

a Cristo será submetida à obediência da fé (Rm 1,5).

O poder do apóstolo (2Cor 10,12-18). Parece que seus inimigos chegados a Corinto atacavam Paulo por não ser um apóstolo em sentido pleno e, por conseguinte, que carecia da autêntica autoridade apostólica diante da comunidade. Eles, em troca, de fato se consideravam apóstolos e alardeavam "ser de Cristo", implicando talvez com essa frase quase técnica, quer seja ter conhecido pessoalmente Jesus, quer sejam as conexões que tinham com os apóstolos da Igreja de Jerusalém. Isto é, consideravam o apostolado como um clube exclusivo ao qual Paulo não podia pertencer.

Paulo passa ao ataque. Vencendo o pudor e o mal-estar que lhe causa alardear e falar de si mesmo, as circunstâncias obrigam-no a fazê-lo. E o faz recordando-lhes que ele fundou a Igreja de Corinto e que essa comunidade viva é o testemunho da presença e do poder de Deus em seu apostolado. É um poder construtivo e não de destruição, como o estariam fazendo esses "superapóstolos". E que, portanto, por carta ou face a face ele exerce o mesmo poder de Deus, como poderá comprovar quando os visitar. Referindo-se a seu trabalho missionário pelo qual fundou a comunidade de Corinto, o apóstolo não se gloria, considera-o simplesmente um ato de obediência que o Senhor lhe recomendou: levar o Evangelho às nações (cf. At 9,15; Rm 15,15-20). Cumpriu sua missão em Corinto e pensa continuar cumprindo-a mais além de Corinto e da Grécia (cf. Rm 15,24-28). A política de Paulo é clara: não se colocar em terreno já evangelizado por outros. Pede igualmente que os outros não invadam o campo que o Senhor lhe destinou.

Tinha ciúme o apóstolo, ciúme desses missionários itinerantes - "os superapóstolos" - que haviam fascinado com sua eloquência, credenciais e prepotência seus queridos coríntios, desacreditando-o, a ele, o fundador da comunidade? Não se deve descartar essa possibilidade em uma pessoa

tão apaixonada e afetuosa. Todavia, o verdadeiro ciúme de Paulo é pelo Evangelho que lhes anunciou e que, com o instinto de um pai, vê que é isso o que está em perigo (cf. 1Cor 4,15). Essa paternidade é sua "glória", e está disposto a defendê-la a todo custo porque sabe muito bem que toda "glória" provém do Senhor e a ele é que pertence (cf. 1Cor 4,7; Fl 3,3; Gl 6,14). Gloriar-se do Senhor é gloriar-se de ter por Deus o Senhor e de ter recebido tudo dele. É um orgulho paradoxal.

Finge ser estulto polemizando (2Cor 11,1-15). O que dirá a seguir pode ecoar como um desatino próprio de um ignorante. Ao assumi-lo e declará-lo estultice, Paulo o exorciza, o purifica e o transforma em uma arma polêmica contra seus opositores. Com muita razão chamou-se a esta parte da carta: "discurso de loucura". A tudo está disposto o apóstolo para defender o Evangelho que prega, inclusive fazer-se passar por "maluco" gloriando-se a si mesmo.

Temos aqui um Paulo consumido pelo ciúme. Compara-os com o "ciúme" de Deus (cf. Ex 20,5; 34,14) do qual se tornaram porta-vozes os profetas da Bíblia para defender a aliança dos esponsais entre Deus e seu povo (cf. Is 54,5; Ez 16). Deus quer ser o amor único de seus escolhidos (cf. Zc 1,14; 8,2) e não tolera namoricos com outros deuses. Compara-se depois com um pai que dá sua filha a um noivo e se compromete a que permaneça virgem até o dia dos esponsais. Encarregado de protegê-la, vive solícito e vigilante e carrega, por assim dizer, o ciúme do futuro marido (cf. Ef 5,26). A desposada é a Igreja de Corinto. Cristo é o esposo. Paulo é o guardião.

O perigo de sedução existe, por isso à mente do apóstolo acorre a imagem do paraíso (cf. Gn 3,4; Ap 14,4). A serpente quer que Eva, a esposa, seja infiel. Os coríntios estão em perigo de ser seduzidos por agentes da serpente que apresentam um Jesus, um Espírito e um

Evangelho estranhos, que não são os que o apóstolo lhes anunciou. Volta-se depois - ainda em chave de estulto? - a retorcer argumentos e pretensões dos rivais que pregam "um Evangelho diferente", afirmando ser superiores a Paulo. Marca-os primeiro com uma expressão irônica: "Esses 'eminentes' apóstolos" (v.5); desmascara- os com frases duríssimas: "operários desonestos que se disfarçam em apóstolos" (v.13), para ameaçá-los com que "seu final, no entanto, será segundo as suas obras" (v.15).

Um apóstolo que se preze - parecem dizer seus rivais - faz com que lhe paguem dignamente seus serviços, como faziam os sacerdotes e alguns profetas do AT (cf. 1Sm 9,7s). Paulo, em troca, é um pobretão que não preza seus ouvintes nem seu ministério. O apóstolo se gloria exatamente do contrário, de seu desapego, de sua pregação gratuita que não é desprezo e sim amor, o qual amplamente tornará crível a autenticidade de sua missão.

Alardes de um estulto fingido (2Cor 11,16-33). Retoma o papel de estulto para recitar júbilos e aflições, méritos e fraquezas de seu ministério. Na realidade, enumera mais fraquezas que méritos. Essa fingida estultice nos permite assistir à semelhança impressionante de um modelo perpétuo de apóstolos e de líderes cristãos. Todavia, se tudo o que diz lhe é ditado pela estultice - recurso literário -, a fingida estultice quem lhe inspira é Deus.

Começa censurando os coríntios - tão sensatos eles, ironiza Paulo - que se deixam devorar, despojar e desprezar pelos "eminentes apóstolos". Com essa dureza interpreta o apóstolo a pregação de um falso Evangelho. Deveriam ter mostrado mais senso comum diante de tais pregações, e retoricamente diz a seus leitores que se arrepende de ter sido brando com eles.

Pois bem, se seus adversários se atrevem a alardear e orgulhar-se dos

próprios méritos, Paulo os vai superar a todos. Novamente insiste que o que vai dizer é como estulto que ele o diz. Começa recordando-lhes que ele é tão hebreu, tão israelita e tão da linhagem de Abraão como o possam ser seus contraditores. Nesse terreno não o superam em nada. Não obstante, se do que verdadeiramente se orgulham seus rivais é de seus méritos apostólicos, Paulo os supera comodamente. E, em continuação, enumera uma paradoxal lista, não precisamente de sucessos, não de comunidades fundadas ou viagens realizadas, conversões, batismos etc., dos quais poderia se envaidecer, mas de seu amplo caminhar missionário percorrido à sombra da cruz de Cristo: sofrimentos, privações, fadigas, perseguições, castigos, perigos de morte etc.

Só a "cruz de Cristo" que um apóstolo carrega nas próprias costas confirma sua legitimidade e o poder de seu apostolado. Essa é a lição fundamental que Paulo nos dá aqui. O apóstolo nos acostumou em suas cartas às listas de sofrimentos e semelhantes (cf. Rm 8,35; 1Cor 4,9-13), mas esta é a mais longa e detalhada. As circunstâncias a tornam necessária.

Alude, por fim, ao sofrimento talvez mais intenso e evangélico que o apóstolo está vivendo justamente enquanto escreve: sua preocupação pelas Igrejas que fundou e que o faz estar agoniado, enfermo de ansiedade como o está agora, por causa dos coríntios. Termina colocando Deus por testemunha de que tudo o que diz é verdade e que, se de algo tem de se vangloriar, é de sua fraqueza.

Revelações e fraquezas (2Cor 12,1-10). É provável que os adversários de Paulo, e talvez também à imitação deles alguns coríntios, se orgulhassem de experimentar fenômenos estáticos e revelações estranhas. Mais uma vez o apóstolo, de má vontade, tem de falar sobre suas experiências espirituais às quais não concede demasiado valor; já na Primeira Carta aos Coríntios relativizou seu dom de línguas. Paulo mostra-se aqui

envergonhado por sua intimidade espiritual, em forte contraste com as declarações sobre sua atividade apostólica.

A "autobiografia espiritual íntima" é um gênero que nem o apóstolo nem outros autores do NT cultivaram. Para eles, "viver é Cristo". O acontecimento a que se refere não nos é conhecido por nenhum outro testemunho. Certamente não é o do caminho de Damasco, pois a cronologia - "faz catorze anos" - situa-o em outro momento. Dessa maneira, dá a entender que sucedeu muito antes de sua chegada a Corinto e que, portanto, não precisa estar nesse ambiente religioso e cultural para chegar a ter uma experiência do divino. E como é um dom de Deus, o beneficiário não pode se vangloriar nem muito menos exibi-lo como credencial de seu apostolado.

Para reforçar a afirmação, faz uma confissão dramática aos coríntios. Diz ter como cravado na carne um aguilhão, um emissário de Satanás que o esbofeteia. Seria uma doença? Seria a recusa do Evangelho por parte de seus irmãos de raça, os judeus, cujo fracasso Paulo pessoalmente atribui a si (cf. Rm 9-11)? A permanente intromissão dos judaizantes em suas comunidades (cf. Gl 1,7; Fl 3,2)? Não sabemos.

Em todo caso, o apóstolo nos dá nos versículos 8-10 um belo exemplo de petição não escutada. "Não sabemos o que devemos pedir", dirá em Rm 8,26. É que Deus escuta à sua maneira, não reduzindo a carga, mas sim duplicando as forças. Ver a súplica de Jeremias e a resposta de Deus (cf. Jr 15,20s). Assim Paulo remonta a um princípio de grande transcendência: Deus demonstra seu poder usando instrumentos frágeis. A debilidade é o terreno no qual se manifesta e atua a força de Deus.

O ministério de Corinto (2Cor 12,11-21). À maneira de recapitulação, Paulo conclui que não é em nada inferior aos pregadores rivais. Lamenta ter de defender-se quando deveriam ter sido os próprios coríntios seus

defensores. Ainda ajunta mais outra prova: os prodígios, milagres e sinais que acompanharam seu ministério em Corinto e que dão crédito ao Evangelho segundo a promessa de Jesus (cf. Mc 16,17). A presença da cruz no apóstolo leva consigo também a força da ressurreição.

Anuncia-lhes a seguir uma terceira visita. A primeira foi a visita fundacional, e a segunda, aquela na qual alguém o insultou e amotinou a comunidade contra ele (cf. 7,7-13), do que mais tarde todos se arrependeram. Adverte-os de antemão que nessa nova visita não lhes causará despesas, porque o que busca não é seu dinheiro e sim a eles mesmos. O empenho de Paulo em trabalhar com suas próprias mãos para seu sustento deve ter sido algo insólito que a minoria acomodada da comunidade não chegava a digerir.

Algum malicioso poderia pensar: não será uma estratégia para conseguir uma porção maior com a coleta? Estará querendo, talvez, aproveitar-se por meio de outros, como Tito ou o irmão enviado pelas Igrejas para supervisionar a operação? A resposta de Paulo, em forma de perguntas retóricas, exprime indignação diante de semelhantes insinuações. Já lhes disse que se comportou sempre como um pai (6,13; 11,2) e que é próprio de um pai ajudar os filhos e não se aproveitar deles.

Como preparação, pois, para a visita anunciada, Paulo lhes confessa seus temores de se encontrar com o que não desejaria. Expressar a suspeita é uma maneira sutil de denunciar uma situação presente e, ao mesmo tempo, uma exortação a remediar quanto antes. Só pensar que vai se encontrar com uma comunidade dividida por rivalidades etc., enche-o de profunda tristeza; seria como sofrer uma humilhação pessoal, como estar de "luto" por alguns mortos dos quais se sentiu sempre tão orgulhoso.

Últimas exortações (2Cor 13,1-10). Os coríntios reconhecem o poder de Cristo, provavelmente nos sinais e prodígios realizados em

seu nome. Em Paulo só veem a fragilidade, ou porque desejam um líder dominador ou porque se riem de sua ineficácia.

O apóstolo se verá forçado a fazer uma demonstração de poder de governo recebido que age nele e por meio de sua aparente fraqueza. Irá disposto a estabelecer um julgamento. Antes, todavia, lhes oferece a possibilidade de evitá-lo fazendo um exame de consciência e manifestando sua conversão. Desse modo serão seus próprios juízes. O critério desse autoexame deverá ser a presença ativa, experimentada, de Cristo em suas vidas (cf. Rm 2,15-16).

Paulo aproveita a ocasião para retomar uma constante de sua teologia e espiritualidade: o mistério pascal de morte e ressurreição, consumado por Cristo e participado pelo apóstolo. Cristo pôde sofrer enquanto "homem fraco" (cf. Fl 2,5-8), mas ressuscitou pelo poder de Deus (cf. Rm 1,4; 1Cor 6,14). Se na segunda visita o apóstolo apareceu como "fraco", agora está decidido a mostrar-se como "forte", se for necessário. Quer evitá-lo convidando os coríntios a examinar-se sinceramente para comprovar se Jesus Cristo vive neles. Se experimentam neles o poder e senhorio de Cristo, terão de reconhecer sua palavra eficaz na de Paulo. Conclui reafirmando a tarefa que lhe foi destinada: edificar e não destruir (cf. 10,8).

Saudações finais (2Cor 13,11-13). A despedida é excepcionalmente breve, impessoal, sem mencionar ninguém. A "alegria" para Paulo tem sempre um sentido cristão, ligado à vida em Cristo que se manifesta depois na união, paz e harmonia comunitárias. As circunstâncias pelas quais atravessavam os coríntios fazem desta saudação algo mais que uma fórmula comum de despedida. As últimas palavras do apóstolo contêm uma das fórmulas trinitárias mais claras de todo o NT, que entrou como saudação na liturgia eucarística: "A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós" (v.13).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA ANOTADA - Editora Mundo Cristão, 1991

A BÍBLIA DE JERUSALÉM - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DO PEREGRINO - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS - Editora Difusora Bíblica, 1998

BÍBLIA FÁCIL - Centro Bíblico Católico, 2001

BONORA, Antonio *et al. Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Edições Paulinas, 2000

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Edições Paulinas, 2000

DRANE, John et al. *Atlas da Bíblia*. Editora Paulus, 2004

SESBOÜE, Bernard *et al. História dos Dogmas*. Editora Loyola, 2005.